RB186,592

Presented to the

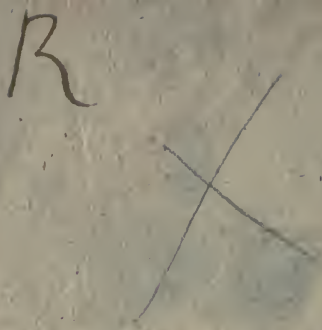
LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton



ALMANAK
DAS
MUSAS.

NOVA COLLECÇÃO
DE
POESIAS,
OFFERECIDA
AO
GENIO PORTUGUEZ.
PARTE SEGUNDA.

LISBOA

NA OFFICINA DE ANTONIO GOMES.
ANNO MDCCXCIII.
Com licença da Real Meza da Comiſsão Geral, ſobre o Exame, e Cenſura dos Livros.

Nem sempre hão de occupar serios cuidados
Da nossa vida os dias pressurosos
Hajão tambem prazeres misturados.

Aos felizes annos do Illustrissimo, e Excellentissimo Sr. D. Antonio Maria de Castelo-branco Correa e Cunha Vasconcelos e Souza.

SONETO.

Raivoza contra a Fama, que voava
Deste Dia o prazer annunciando,
Eu vi a torpe Inveja arremeçando,
As negras serpes, que nas máos truncava.

Entre os laseados dentes retalháva
A venenosa lingua rebramando;
E mil chamas azuis de quando, em quando,
Dos fascinantes ólhos espalháva.

Eis nisto accezo raio crepitante
Lhe arremeça do Olimpo Jóve irádo,
E cahe no Averno o monstro trepidante.

Sôa da Fama então o altivo brado:
„Respeite o Mundo o dia almo, e brilhante,
„De Aonio aos faustos Annos Consagrado.

Por *Alcino Lisbonense*.

Ao mesmo assumpto.

Soneto.

Neto de Heróes, de Herôe preclaro Filho,
A quem a fórte ri propicia, e grata,
Escuta a vôz, que alegre se dezata,
E segue em teu louvor hum novo trilho.

Náo pertendo illudirte: o falso brilho
Da lizonja, que a tantos arrebata
Náo prézo, da Virtude á força inanta
Só com justo respeito he q̃ eu me humilho.

Se hoje louvo teu fausto nascimento
Náo penses que ólho a nobre gerarchia,
Olho sim ao teu môr merecimento.

Hum sabio o Ceo te dèo por Pai, por guia,
Tu pois imitador do seu talento,
Darás como elle gloria á Fidalguia.

Por *Albano Olisiponense.*

SONETO.

JÁ' do Sol a cruel atra Inimiga
O manto luctuozo desdobráva,
E de espanto, e silencio rodeáva
O immenso rosto á Terra Madre antiga.

Das Aves a meliflua cantiga,
Qual na fresca manhã, não se escutava,
Só o lugubre Moxo a vôz soltava,
A triste vôz, das sombras sempre amiga.

Tudo era solidão, tudo negrume:
Então minh' alma de te ver saudoza,
Ergueo mavioso, languido queixume.

Implorava do Ceo a mão piedosa,
Porque longe de ti, meu bem, meu Nume,
Ser não póde a minh' alma venturosa.

Alb. Olisip.

SONETO.

ENTRE humas verdes balças escondido
Amor eu vi hum dia, a eburnea aljava
De aureas plumozas setas chêa estava,
Tinha na dextra o arco retorcido.

Que procuras aqui, ó Deos de Gnido?
Ao Cyprio Nume atoito eu perguntava;
E o Nume que por mim só esperava,
Desta arte me tornou enfurecido.

„ Vil Mortal, pois que ouzado a toda a hora
„ De mim fallas, sem medo, e sem respeito,
„ Quem he Cupido, saberás agora. „

Disse, e prompto me feré o brando Peito:
Desde então por Alcina encantadora,
Aos tormentos de Amor vivo sujeito.

Alb. Olisip.

Soneto.

Os iscados anzoes ao Mar lançava
Huma vez, e outra vez Albano hum dia;
Mas sempre inutilmente os recolhia,
Bem como innutilmente os mergulhava.

A sua má fortuna lhe afastava
Pingue lanço, que a outros concedia;
Debalde votos mil ao Ceo fazia,
E as preces dolorosas duplicava.

Faltou-lhe emfim ao triste o sofrimento;
E arrancando hum gemido magoado
Os anzões arrojou ao salso argento.

„ Nasci, bradou, proscripto pelo Fado;
„ Só me falta dos zelos o tormento,
„ Para ser o mortal mais disgraçado.

Alb. Olisip.

* * *

* *

*

O terno coração esperançoso.

SONETO.

QUANDO junto de Alcina reclinado
O meigo, lindo gesto, observo, e admiro,
Hum suspiro amorozo, outro suspiro,
Vem saindo do Peito namorado.

Porém se longe della magoado
Da ventura me traz o incerto giro,
A chorar os meus males me retiro,
Em sitio á minha dôr acomodado.

Assim da curta vida gasto os dias,
Hum hora alegre, outr' ora digostoso,
Já cantando, já chêo de agonias.

Oh effeito do amor mais extremoso!
Quem pudéra nutrir só de alegrias
O terno coração esperançoso.

Alb. Olisip.

SONETO.

DAs tranças do meu bem Amor urdia
Delicada prizão para prender-me ;
E seguro com ella de vencer-me
Para mim breves passos derigia.

Eu que o intento do Nume não previa
Incauto não cuidava em defender-me ;
E livre de receio o Peito inerme,
A' sombra da Izenção em paz vivia.

Junto a mim se apresenta o Nume alado ;
Nesta, me diz, prizão suave, e branda
Cumpre, Albano, que sejas maniatado ;

Que ames Alcina bella, o Ceo te manda ;
E com ella serás afortunado,
Se fogires á vil traição nefanda.

Alb. Olisip.

SONETO.

ANELADA porção d' aureos cabellos
Furtei, sem ser sentido, á minh' amada,
E formando huma trança delicada
Fui ao Templo de Amor offerecélos.

Amor que os vio tão louros, e tão bellos,
Voltando a mim a face nacarada,
Dest' arte proferio: Recompesada
Seja a offerta, que eu devo aos teus disvelos.

Conheço a primorosa trança de ouro
Alcina, a meiga Alcina he pois aquella,
Que das Graças obteve esse thesouro.

Tu que accezo de amor, morres por ella,
Serás feliz; duraveis bens te agouro;
Disse: e de rosas pôs-me huma Capella.

Alb. Olisip.

So-

SONETO.

POis reimas caro Anfrizo, que te diga,
A quem fiz ſacrificio da vontade;
Dizêlo quero emfim, porque a amizade
Dos noſſos corações a mais me obriga.

Minha Eſtrella propicia, e ſempre amiga,
Alcina me moſtrou, a Divindade
Deſtes Campos; e logo a liberdade
Se eſquecêo da izenção, da paz antiga.

He pois Alcina aquella, a quem eu canto,
Aquella, a quem votei a fé mais pura,
E quem me faz verter ſaudoſo pranto.

Ah! ſe viſſes Anfrizo a formoſura
Daquella, que em minh' alma póde tanto;
Conhecêras então o que he ternura.

Alb. Oliſip.

Não acha no ſeu mal quem o conſole.

Soneto.

No seio de huma branca penedia,
Ermo azílo de rabidas ſerpentes
Suportando ſaudades mil vehementes
Albano paſſa a Noite, e paſſa o Dia.

Em vão alli da placida alegria
Tentára ver as faces refulgentes,
Que eſte ſitio vedado aos mais viventes
Só inſpira cruel melancolia.

Ali não ſe ouve a Fonte que murmura,
Nem do zefiro ao ſopro hum ramo bóle,
Não ha Choça Paſtor, nem eſpeſſura.

Rebanho alli não paſce a relva molle,
E em tanta ſolidão, tanta amargura
Não acha no ſeu mal quem o conſole.

Alb. Oliſip.

Teus ólhos côr do Ceo, teu alvo roſto.

Bernardes Ecloga 13. v. 90.

SONETO.

DA minha fé, da minha lealdade
O meu bem duvidou, e o Peito brando
Aos maleficos zelos entregando,
Cruel ſe torna a que era ſó bondade.

Mais fera do que as Feras na impiedade
Eila já minha perda maquinando;
E contra mim terrifica raivando
Cerra os duros ouvidos a piedade.

Em vão quero abrandalla com meu pranto,
Pois nem meus triſtes ais, nem meu diſgoſto
Tê gora (juſtos Ceos !) puderão tanto.

Ao ódio do meu bem eu vivo expoſto:
Ah ! torna a ſerenar, meu doce encanto
Teus ólhos côr do Ceo, teu alvo roſto.

Alb. Oliſip.

So-

SONETO.

SE alguem no Prado vir huma Paſtora
De louras tranças, ólhos matadores,
A boca breve azilo dos Amores
Por dentro Aljofar, e rubim por fóra.

Mais linda, mais brilhante do que a Aurora,
Quando orvalha as cheirozas freſcas flores;
Mais meiga que os Favonios voadores,
Quando cerrem após da eſquiva Flora.

Saiba que eſſa he Alcina, o mimo, a gloria
Do terno accezo Albano que rendido
Canta nos aureos ferros a victoria.

E tanto em ſeu amor anda embebido,
Que não riſca hum inſtante da memoria
O lindo Nome, o geſto apetecido.

Alb. Fliſip.

SONETO.

SE da vil que te ſulca, me vingares
(Antes que mais o diſabor me enoje,)
Neptuno, huma hecatomba verás hoje
Golfando ſangue ſobre os teus Altares.

Morra, morra a cruel; turbem-ſe os ares;
Raios ardentes Jupiter lhe arroje;
Sovertão-lhe o Baixel em que me foge,
Urrando horrendamente os roucos mares.

Deſça bramindo ao Reino do queixume
Sua alma injuſta, damnos ſofra eternos
Das mãos das Furias, no tartareo lume.

Mas não, não a mateis, Numes ſupernos;
Prove ciume igual ao meu ciume,
Que eſte Inferno equivale a mil Infernos.

Belmiro Tranſtagano.

**
*

SONETO.

HUm dia ornado Amor de verde louro,
No Sacro Templo do Deſtino entrava,
E hum negro Almalho ao Nume victimava,
Prever querendo o fado meu vindouro.

O gume de fatal ſecure de ouro
Pelo collo da Victima enterrava;
E aos Ceos co'as mãos o lindo roſto alçava,
Rogando na oblação propicio agouro.

As entranhas perſcruta, ſemi-vivas
Fito a fito auſpicía o Sol dourado,
E o chão fere tres vezes ſucceſſivas.

Depois ledo me clama o Deos vendado:
„ Jamais, Humano, lagrimoſo vivas:
„ Analia he tua, que aſſim manda o Fado.

Belm. Tranſt.

SONETO.

VOA saudoso lugubre suspiro,
Chega á presença do meu bem amado,
E alli mavioso de afflicção banhado
Conta-lhe as magoas do infeliz Belmiro.

Vê se estima viver nesse retíro,
Ou n' outro objecto emprega o seu cuidado,
Ah! se assim for, intima-lhe apressado
Que ás mãos da magoa sem remedio espiro.

Mas se o vires por mim dando ais ardentes,
Consola-o, dize que a Ventura errante,
Nem sempre he conrra os miseros viventes.

Que firme seja, como sou constante,
Que a pezar d' invejozos maldizentes
Inda veremos nosso Amor triunfante.

Belm. Transt.

* *
* * *

Soneto.

As leves chinxas Marineu lançava
Do manso Téjo na corrente undosa,
E á linda Algêa Ninfa carinhosa,
Chêo de afecto, o lanço dedicava.

Eis de bravos tufões falange brava
Incha o Mar, nubla o Ceo, ruge raivosa;
Chovem raios da esfera tenebrosa;
E o Baixel n' hum rochedo lhe abicava.

O terno Amante n' afflicção tremenda
Só clama por Amor com vôz afflicta,
Sem que á morte cruel fugir pertenda.

Que intentas, diz o Nume. O triste grita:
„ O coração me salva, não se offenda
„ A meiga Algêa, que nelle anda inscrita.„

Belm. Transl.

SONETO.

QUAL Diana fugaz, n'um boſque umbrozo,
Afoita Jonia as Féras aſſaltava,
Ora ſettas mortais lhes atirava,
Ora as prendia em laço caviloſo.

Eis colmilhudo Javalim cerdoſo
Que por tres golpes ſangue eſpadanava
A' linda Caçadora ſe avançava
As longas fouces eſgremindo iroſo.

Eu que iſto obſervo, c'um farpáo cruento
Entrego o bruto ás mãos da morte dura,
E á Nymfa bella do perigo izento.

Ser minha em premio agradecida jura;
Mas hoje ſem reſpeito ao juramento,
Roubar-me a vida com deſdens procura.

Belm. Tranſt.

SONETO.

„ MEdonha corre a Noute, a frouxa Lua
„ A furto moſtra o roſto deſmaiado;
„ Em mil voluveis ſerras levantado
„ Ruge raivoſo o Mar na praia nua.

„ Hum ſó Baixel nas ondas naõ fluctua,
„ Os Nautas dormem, tudo eſtá calado;
„ Ah doce Laura, ah doce objecto amado
„ Quem vira agora a linda imagem tua!

Aſſim as vozes eu ſoltava ancioſo,
Quando Laura o meu bem, a minha Eſtrella
Ao lado vejo, e vejo-me ditoſo.

No meu pobre Batel entro com ella:
Oh Ceos! deſde que ſulco o Téjo undoſo.
Nunca vi nem logrei Noute mais bella.

Belm. Tranſt.

SO-

SONETO.

FUi entre ferros por Amor levado
A's vis cataſtas do cruel Ciume ;
Eſte era o premio que me dava o Nume
De ter a Jonia tão conſtante amado.

De azuis ſerpentes vejo coroado
O eſtigio Monſtro reſpirando lume ,
D' horridas furias horrido cardume
Com torvos geſtos lhe vozêa ao lado.

Eis de ſuſpeitas mil bando cruento
A mim ſe avança mil punhais brandindo ;
Géllo de magoa , de terror lamento.

Niſto acode a Razão meus ais ouvindo ,
Quebra-me os laços , furta-me ao tormento ,
Illezo ſaio , da perjura rindo.

Eclm. Tranſt.

SONETO.

DEpois que ao Sol as redes eſtendia
O triſte Alzor, que á dura Algêa amava,
A' praia algoza ſubito ſaltava
E á longa ſirga o barco ſeu prendia.

Ondas ligeiras, reſpeitai hum dia
O deſtricto em que eſtou, terno bradava,
E eis, que o nome da Nynfa, que adorava,
N'arêa entre ſoluços eſcrevia.

Aſſim que em le-lo hum pouco ſe recrêa,
Vai beijallo, e huma vaga marulhoza
Niſto lhe róla ſobre a eſcripta arêa.

Parte lhe entra na bocca deſditoſa,
Então clama „ quem te ha de amar Algêa,
„ Se até no proprio nome és amargoſa.

MOTE.

Hum ferro agudo no meu peito crava.

SONETO.

MORRO Analia por ti, mais hum inſtante
Não poſſo disfarçar minha ternura,
Se por louco me tens, deſta loucura
Culpa teus olhos, teu gentil ſemblante.

Doce paz, cara vida, alma conſtante
Victîmo de teu geſto á formozura,
E nas aras de Amor a fé mais pura
Te proteſta guardar meu peito amante.

Que immenſa dita ſe enchugar quizeſſes
O pranto ardente, que meu roſto lava,
E hum vizo ao menos de amoroſa deſſes!

Mas ſe tão juſta confiſsão te agrava,
Antes que o triſte deſengano expreſſes,
Hum ferro agudo no meu peito crava.

Belm. Tranſt.

Nun-

MOTE.

Depois de morta a lamentavel Dido.

SONETO.

JUNTO da voraz Pyra que ondeava,
De creſpo fumo os amplos Ceos toldando,
Eſcondendo hum punhal no peito brando
Convulſa Eliza á morte ſe entregava.

Inda o próſugo amante procurava
C'os moribundos olhos: ſoluçando,
E o ſpectro horrivel de Sicheo raivando
De ſeus crimes aos Manes a accuzava.

A boca torce, torce os frouxos braços,
E o ar fendendo com mortal gemido
Aſſim proclama, a voz truncando a eſpaços.

„ Em vão tentas fugir-me Eſpoſo infido,
„ Que em ſombra errante ſeguirá teus paſſos
„ Depois de morta a lamentavel Dido.

Belm. Tranſl.

Hum

MOTE.

Venceo-me de Natercia a formozura.

GLOZA.

SONETO.

TU com ſetras nas mãos, geſto ſombrio
E da linda Natercia acompanhado!
Apoſto Amor, que intentas denodado
Ter com minha alma novo deſafio.

Se animo tens, vem ſó, que não he brio
Trazer hum Nume defenſor ao lado,
Verás o como d'affoiteza armado
Dos laços teus, dos teus farpões me rio.

Mas d'almos olhos que fulgor celeſte
Me abraza o peito? eis morro de ternura,
Traidor, que eſtilo de pugnar he eſte?

Os pulſos te offereço á prizão dura;
Porém não julgues não, que me venceſte,
Venceo-me de Natercia a formozura.

Belm. Tranſt.

SO-

MOTE.

Nunca mais te farei outra ameaça.

SONETO.

QUE julga, fô Amor? não me desdigo,
Basta já de sofrer tanto calote:
Fazer que Lelia de Taful me note,
E ande trombuda á quasi hum mez comigo!

Apre lá com taes petas! Ouve amigo,
Vá ter brincos com outros do seu lote,
Se não quer que os narizes lhe mascote,
Que lho farei melhor do que lho digo.

Mas já soluça! Já perdão implora!
Ah! não soluces, que isto em mim foi graça.
Tome hum beijo: Ora cale-se: Inda chora?

Olha se a Lelia pedes que me faça
A mesma festa, que te fiz agora,
Nunca mais te farei outra ameaça.

CANÇONETA

A' IMMACULADA CONCEIÇÃO DA VIRGEM MARIA N. S.

QUe fraudes, que enredos,
Que horrivel eſtrago,
Famelico Drago
Semeia entre nós,
o collo eſcamoſo,
Arfando ferós.

Empana ſeu bafo
Os luſtres ethereos,
C'os olhos vipereos
Faſcina os mortais,
Veneno golfando
Das fauces lethais.

Por terra alongado
Hum hora ſerpenta,
E a cauda cruenta
Enroſca em aneis,
Outra hora coriſca
Dos olhos crueis.

Os Ceos enfurdeſſem
A noſſos clamores :
Marulho de horrores
Nos vem combater :
Quem póde no Mundo
Seguro viver !

Porém que Donzella
D' Eſtrellas Croada
Em nuvem dourada
Lá vejo aſſomar !
Dos Córos dos Anjos
Reſſoa o Cantar .

Seu manto radioſo
Nos ares fluctua ,
Suſtenta na Lua
Os candidos pés ,
Quem és raro aſſombro ?
Reſponde , quem és ?

Oh ſorte ! Oh prodigio !
Feliz maravilha !
He eſta , he a Filha
Celeſte de Abram :
Chegou aos Humanos
Geral redempção.

Diſſipáo-ſe as trévas
Funeſtas do Mundo;
O Drago iracundo
Trepida de horror,
E o ſuſto do eſtrago
Lhe dobra o furor.

A lingua farpada
Em fremitos vibra;
Sanhudo equilibra
O corpo no ar,
E a Virgem potente
Procura aſſaltar.

Eis que ella ſem ſuſto
Da Féra damnoſa
C'o a planta mimoſa
Lhe oprime a cervix,
Illeza alcançando
Victoria feliz.

Já brama, e ſe torce
No jugo potente
A torva ſerpente
Cuberta de horror,
Em vão, em vão ſe arma
De ſanha e furor.

A cauda cerulea
De negro manchada,
Em arco vibrada
Afferra no chão;
Ora abre, ora fecha
As fauces em vão.

Os Ceos te bemdigão
Donzella formoſa;
Vergontea frondoſa,
Do claro Jeſſé,
Por quem libertado
O Mundo ſe vê.

Do Sol ſacroſanto
Foſte inclita Aurora,
Feliz deffenſora
Dos filhos de Adão,
Tu lhe abres as portas
Da ſanta Sião.

E's Mái, Filha, e Eſpoſa
Do Numen Superno,
Illeza ab eterno
Da culpa geral;
Feliz opreſſora
Da Serpe infernal.

Primeiro que ao aſtro,
Que os Ceos illumina,
A mente Divina
Eſſencia te deo,
E foſtes c'roada
Rainha do Ceo.

A Çarça incombuſta
Tu és oh Senhora,
A quem não devora
A culpa voraz,
E's Iris Celeſte
Annuncio de paz.

Celebrem-te ſempre
Do Olimpo os Cantores;
Perennes louvores
Te dem os Mortais,
Teus cultos ſe vejão
Creſcer mais, e mais.

Da torva Diſcordia,
Da Inveja ſedenta
Benefica izenta
O noſſo Atheneo:
Mil graças lhe alcança,
Mil bençãos do Ceo.

Belm. Tranſt.

DITHYRAMBO.

CHovendo eſtragos Orion enſiferò,
Inveſte o mundo pavido;
Reveis frementes vortices,
Procellas mil horriſonas
Compõe ſeu bravo exercito.
Não longe o Inverno revoltoſo aſſoma
Batendo as azas frigidas,
Rugem-lhe em roda, Tormentas rigidas,
E a porta-gelo emaranhada coma
Erição-lhe enraivados
Nordeſtes aſſanhados.
O brumal tempo agoirando,
Dos Rifeos alcantilados
Em confuzo vago bando,
Vem piando
Rubros Frios ouriçados
A's pungentes azas dando.
Ah Celia amavel, que ſomos victimas
De ſeus immanes impetos;
Volveo-te a força das crueis rajadas
Os claros membros tremulos
As faces carmezins, as mãos rouxeadas.
Que faremos?
Como á fria eſtação fugiremos?
Eia, ledos a Bacho brindemos,

Do

Do ſeu fero rigor zombaremos.
Aqui temos
Longo eſquadrão de gravidas botelhas,
Que as bocas vermelhas
Tem inda arrolhadas:
Deſtapemo-las,
Deſpejemo-las;
Eis reſſurtem as rolhas
E envolto em alegria
Tres cópos coroados
Já vejo, oh Celia, de eſpumoſas bolhas.
As Orgias celebremos
Evohé! Pean cantemos,
E c'os braços enlaçados
Ledos brindes reveſados
Hoje a Bromio tributemos.
Qual de nós libar primeiro
Do ſeu cópo o Nectar puro,
Tome poſſe do terceiro,
Evohé, que fui eu mais ligeiro!
Por mais que afane,
Celia formoſa
Por apartar-nos,
A ſorte aveça,
Não te pareça,
Que ſeparar-nos
Ha de poder.
Jámais o licor placido,
Que eterniza de Euxionio os altares,
Deſaloje cruentos pezares,
Cuidados mortiferos,
Remorſos anguiferos

Deſ-

Deſſas almas obtuſas, vulgares,
Que de nós murmurão,
Que brutais procurão
Hum laço deſatar, que a ſimpathia
A noſſos ternos corações forjára,
Que protege a razão, que o Ceo ampara,
E mais aperta amor de dia em dia.
Eis a mente veloz ſe anuvia;
O peito me enfurece
Frenetica alegria;
Evan! que me parece,
Que em ſanhudo Leão me converto,
Não me alucino, he certo:
Hiſpida juba na cervix me ondea,
Garras crueis rompentes,
Sanguineos olhos, aguçados dentes
Ebrio furor me preſta.
De me ver, minha Celia, não fujas,
Que a Brizeu na figura imitando,
Quando
Ao tonante Jupiter
Os Gigantes barbaros
Deſtronar pretenderão ſacrilegos,
Aquilão tiranico
Heide atraçalhar.
Mas guarida, que eſtou profligado
Da caterva dos horridos Euros!
Da-me ó Celia, huma taça de preſſa,
Do licor de Bordeus nacarado,
Poſſante,
Brilhante,
Cheirozo,
Goſtozo, Que

Que envergonha ao Balais rutilante
No rubor, no gentil luzimento,
Que intento,
Vencelos,
Prendelos,
Proſtralos,
Deixalos
Sem vida:
Quando a taça me dás Celia querida,
Não he mais engraçada,
Que tu, a linda Aurora
De luzes coroada
No rutilo Oriente,
Da fulgida carroça apavonada
Os Frizões auri-roxos
C'o flagelo de rozas fuſtigando.
Não tem mais graça....
Mas venha, venha a taça.
Evohe! bebe hum golo primeiro;
Que mais goſto, maior fortaleza
Acharei no licor lizongeiro,
Que das almas alija a Triſteza,
As magoas ſuaviſa,
E as rebeldes paixões tranquilliſa:
Ah! não vez Celia mimoza,
Apinhados
Pelo frizo da taça formoza
Em tumulto, os Amores daninhos
Debruçados
Dando ſorvos, piſcando os olhinhos?
Olha alguns, que embriagados
Com ſemblante furibundo,

Dentro olhando a propria imagem,
Querem dar-lhe, e deſpenhados
Precipitão-ſe no fundo
Do marulho, e da voragem,
Os mais ficão ſalpicados,
E as caheças ſacudindo,
Dos parceiros ſe eſtão rindo.
Ah Celia, Celia amada,
Agora, agora empina
A taça criſtalina,
Se queres ter amor.
Porém ſe és meiga,
Terna, conſtante,
Fiel, amante,
De que te ſerve
Eſte licor?
Silencio, ſilencio, ninguem me perturbe:
Alto influxo a cantar me afervora.
Já tomo a eborea cythara;
Para a referta impavido.
Vos deſafio leves Corycides;
Sois poucas,
Sois loucas,
Sois roucas,
Meu canto vence-vos, deixa-vos tremulas;
O voſſo he languido, barbaro, frivolo.
Ah vinde ligeiras, ſer minhas emulas,
Porque meu eſtro altivolo,
Como as Filhas fizeſtes de Pierio,
E ás gentis Aquiloides arguras,
Se cantar intentardes comigo,
Vos fará deſte arrojo em caſtigo.

Eia das frias Orcades
O almo ſummo vitigeno
Tragão-me á preſſa que nunca embriaga.
Que pertendo cantar dignamente
O vencedor potente
Dos fulos Povos da Menonia plaga.
Deliro ? Não : eu vejo
Eſquadrões horridos,
Turmas armigeras,
Nos campos bellicos,
Movendo eſcandalo,
Aos Numes celicos.
São os Povos barbaros
Da Zona ſoligera,
Que no carro luminoſo
Vem Titão flami-crinado,
Quando já meio acordado
Faz ao Dia perguiçoſo
Diſpertar do claro Ganges.
Dor he ver entre as fuſcas falanges
Como aqui, e alli guerreiro
Evio ligeiro
Toma a ſetta, arma o arco, aponta, mata,
E as timidas cohortes
Com repetidas mortes
Soberbo desbarata.
Do Falerno purpurino
De Mareotes famoſa
Encho hum copo criſtalino,
Eilo, he teu, Celia mimoſa.
Aceita-o,
Empina-o,

Esgota-o,
Que eu mais dois encho ligeiro,
D'outra especie mais gostosa.
Que summo tão rosado e lisongeiro!
Na viva côr excede ás vivas brazas!
Dous cópos tenho, oh Ceos! são duas azas!
Deixem-me,
Larguem-me;
Não me segurem, que as forças me quebrão.
Eu subo as amplas regiões sidereas,
Ver pertendo se os Numes celebrão
Lá no Olimpo tambem Antisterias.
Evohe Tionio fremente!
Não ha vinho que mais me contente,
Nem que tanto meus olhos deslumbre,
Como o do Rheno
Suave, ameno.
Nem hum vislumbre
Tenho agora dos negros Cuidados,
Que turbavão meus dias cançados
Saboé! que furor me transforna!
Soccorrão-me, ajudem-me
A subir the á boca esta Dorna,
Quero empina-la,
Quero liba-la,
Quero esgota-la,
Em honra do Nume Tirsifero,
Que as magoas adoça,
A rugada velhice remoça,
E que assaima os Pezares cruentos.
Zunão ferozes desavindos ventos.
Toldem-se os frios ares;

Re-

Rebentem nos recifes pedregozos
Negros revezos Mares ;
Troem rijos trovões eſtrondoſos :
D' horror na Eſfera eſcura ,
Os lentos paſſos mais depreſſa movão ,
Elice tarda , a tarda Cynoſura,
Que nunca as aguas d'Amphitrite provão,
Com fragor horrido
Das encontradas nuvens nimbiferas
Chovão triſulcos tortuozos raios .
Ecco fragueira tresdobre á porfia
O horriſono ribombo
Na ouca penedîa ,
Que eu rio , e zombo
Dos ſoltos ventos ,
Revoltos Mares ,
Trovões ruidozos ,
Raios trifurcos ,
Eccos medonhos ;
E reſupino
Hum bello almude
Hoje á ſaûde
Ledo lhe empino .
Evan ! Que vejo ? Eu ſonho !
Eis ſe me antolha
D' Bacchantes hum bando rizonho .
Celia , que fazes , olha ,
Não eſcutas o ſom nos fundos valles ,
De tubas clangoroſas ,
De roucos atabales
De ſtridulos pandeiros
D' Anafiz , de buzinas eſpantozas ?

Não

Não vês,como ligeiros,
De corimbos, e parras coroados,
Dos crespos silvados,
Das lobregas grutas
Com tarros de Lieu nas mãos hirsutas,
Saltão silvicolas, Satiros sofregos,
As plantas caprinas leves trocando,
E o desenvolto cornipide bando
Não ouves cantando
„ Baccho Evohe.
Que refuzas? vamos
De Nizeu ás festas
As testas
Cinjamos
De tenros pimpolhos.
Mas que vejo! dois Eus! duas Celias!
Evohe! Nume Nizeno
Que meus olhos obumbrados
Fazem-me, tornão-me,
Os presentes objectos dobrados.
Pois não he por estar vinolento.
Que dita! Que portento!
O Destino endeozou-me,
Em Baccho transformou-me;
Sou Baccho, não duvides,
Das verdejantes vides
Em mim o Nume adora.
Agora
Do sacrosancto Nectar me embriago,
A'zul esfera
Veloz transago.
Por mim Celia gentil hum pouco espera,
Que

Que a Jove revôo fulmini-potente.
Para quê lá no Olimpo fulgente
D' hum trono luzente
A posse me dê.
Ceos, que em prazeres ardo!
Adeos Celia, eu não tardo.
Pean! Baccho! Evohe!

Por B. M. C. S. T. d. S.
Entre os Pastores do Téjo
Belmiro Transtagano.

*
* *
* * *
* *
*

Ao

AO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO SR.
D. ANTONIO MARIA DE CASTELLO BRANCO
CORREA E CUNHA VASCONCELLOS E SOUZA,
NO DIA DE SEUS ANNOS
OFFERECENDO-LHE
HUMA ESPADA, E HUMA PENNA.

ACceita, Illuſtre Menino,
Toma a eſpada, toma a penna
Inſtrumentos que te cumprem
Da heroica vida na Scena:
Vaite aſſim acoſtumando
Ao que te deve ſervir.
Teu naſcimento te obriga
Tomar huma, e outra cingir:
Ouve da guerreira Europa
A terrivel confuzão,
Vai á honra do teu nome
Coſtumando o coração:
Grato á Sabia Providencia,
Que illuſtre prole te fez,
Deves Senhor recordarte,
Qual tu naſceſte, e quem és:
Dos herdados nome, e ſangue
Eſta a grande obrigação,
Que de outra ſórte ſeria
Herdar ſangue, e nome em vão:

Caſ-

Caſtellos Brancos, Corrêas,
Cunhas, Vaſconcellos, Souzas,
São nomes, que ſempre exigem
Na guerra, e paz grandes couzas:
Se pelo vaſto Univerſo
A Fama os tem eſpalhados,
Com a eſpada, com a penna
Se tem feito aſſim honrados.
Precedendo a teus Maiores
Pública vôz fende os áres,
Que faz com os nomes dignos
Reſoar a Terra, e os Mares:
Nem eſte ſom ſe conſerva
Nas vozes da Fama em vão,
Meſmo agora, ſim agora
He propria a ſua lição:
No alto do ſeu Caſtello
Lisboa aperta nos braços
(a) Aquelle que a ſeus vindouros
Moſtra para a gloria os paſſos:

O

(a) He bem celebrado nos faſtos da Hiſtoria Portugueza o valor com que o esforçado Martim Monis Illuſtriſſimo Progenitor da Familia de Vaſconcellos, ſe deixou matar esmagado entre a porta do Caſtello de Lisboa, para que ſeu corpo morto a ſoſtiveſſe aberta para a entrada dos noſſos, que por eſte meio completarão a victoria contra os Mouros. O Rei em reconhecimento lhe mandou alli erguer hum buſto, e a porta conſerva ainda o nome do Heroe.

O que salva a Guimarães, (*a*)
O que a honra ao Rei defende,
Tens na tua estirpe Illustre,
Que a jurada fé não vende:
Honras a Mem se offerecem, (*b*)
Porque vista a espada núa;
Mas na jurada homenagem
Guarda a Real, guarda a sua:
Seguir do Rei a ventura,
Qual vario caminho tome
He dos de teu appellido,
E até mesmo do teu nome:
Africana arêa o vio
Em fogo de brio accezo,
Ferido onde o Rei ferirão, (*c*)
Prezo onde seu Rei foi prezo:
E do seu Rei natural
Defendendo a Terra, e o Povo
Não só os vio Mundo antigo,
Tambem os vio Mundo novo:

Assim

(*a*) Lembro aqui a fidelidade do Illustrissimo Mem Rodrig. na guarda, e defeza de Guimarães pela parte do Senhor Rei D. Diniz: Declaro-o assim porque póde equivocar-se este louvor com o que merecera o famoso Egas Monis, tambem desta geração.

(*b*) D. Antonio de Castello-Branco que seguio a El Rei D. Sebastião na infeliz batalha de Alcacer.

(*c*) Outro D. Antonio que foi na Armada de soccorro ao Brazil.

Aſſim na Marcial eſtrada
Eſpero, que á gloria aſſomes,
Que iſto he dever (ja to diſſe)
De tal Familia, e taes Nomes:
Mas ſe a doce Paz vier
Tirar o Elmo a Minerva,
Das Sciencias no caminho
Os teus Maiores obſerva:
Co' a penna inſtruindo os Luzos
Sabendo juſtos regê-los
Verás bons Caſtellos brancos,
Verás ſabios Vaſconcellos:
Fugidas virtudes, e Artes
Dos teus ſe abrigam nas caſas,
E dalli vêm a apagar-ſe
Da guerra as ardentes brazas:
Não ſó a Piedade acceita,
Procura-as, convida, chama,
Eſtende a mão bemfeitora
E as graças longe derrama:
Não vou buſcar longe o exemplo,
Eis que o tens á viſta, he eſte:
Reſpeita a lição Paterna,
Para ſeguila naſceſte:
Sobre mim ja neva a Tempo,
E ja me esfria a cabeça,
Sínto ja perros os dias
Em que de todo arrefeça:
Meu amor, e minha idade
Autorizão meus conſelhos,
Que não ſaõ de deſprezar-ſe
De ſervos fieis, e velhos:

Pre-

Preparate a Sorte os cargos ;
Eu o prevejo , eu o eſtimo
Do Throno ſerás o eſteio
E dos pequenos o arrimo :
Em fim meu aviſo eſcuta
Guarda-o em tua memoria :
Naſceſte para viver ;
Mas vida de honra , e de gloria .

Disse

O mais humilde ſervo de V.Excellencia

Domingos Caldas Barboza

CARTA
DE
LERENO A ARMINDA,

EM QUE SE DAÕ AS NECESSARIAS REGRAS DOS VERSOS DE ARTE MENOR, ENSINANDO A CONHECER, O QUE SEJAÕ CONSOANTES, E TOANTES; E O QUE SAÕ PALAVRAS AGUDAS GRAVES, E ESDRUXULAS &c.

ARminda, cuja belleza
Para o Mundo rara, e nova
Do primor da Natureza
Nos deo a mais linda prova:

Em quem por hum modo vario
Taes graças o Ceo reparte,
Que he quaſi deſneceſſario
Ajudar o eſtudo a arte:

Cujo Amor á Poeſia
A faz ſer de tanto preço,
Que eu que nada merecia,
Por ella tanto mereço:

Pois voſſo genio me pede,
Que vos queira declarar,
O como o Verſo ſe mede,
E o de que deve conſtar:
Eu trabalharei ſincero,
Porque voſſo genio adeſtre,
Com condição que não quero
O vão titulo de Meſtre:
Porque fallando verdade,
De mim meſmo vos direi,
Qu'eu tenho eſta habilidade,
E como a tenho não ſei.
Sinto n' alma, ſubtil, deſtro,
Hum doce furor vagar;
He iſto o que chamão éſtro,
Que me faz poetizar.
Sem as regras aprender,
Que aprendêlas ſempre he bom;
Verſos me virão fazer
Por innato, e doce tom.
Ao que a Natureza nega
Eſta preciza harmonîa,
Chega tarde, ou nunca chega
A doçura da Poeſia.
Mas a vós, eu imagino
Vos não negou eſte bem,
Dando a hum corpo peregrino
Peregrin' alma tambem.
E pois que min' alma, e vida
Repartir com voſco Intento,
Tereis com igual medida
Os fructos do meu talento.

SEI QUE VOS HADE AGRADAR
Fazer galantes Cantigas ;
Sei que as deſejais glozar
Por divertir as Amigas.
Vou dar ás cantigas Lei,
A' redondilha, ao Quarteto,
Em Quintilhas fallarei,
Decima ; e mais não prometo.
Só com verſos deſta caſta
Sei que muita gente brilha ;
E ſendo bem feita, baſta
A corrente redondilha.
Eſte Verſo aſſim cantavel
Meſmo entre o Povo groſſeiro
Trouxe Terpſicore amavel (*a*)
Ao ſom de alegre Pandeiro.
Com elle ao tempo que Ceres
Eiras ou tulhas enchia,
Veio adoçar com prazeres
A cançada companhîa.
Mas Fabulas não metâmos,
Menina, vamos avante ;
Tomai ſentido, qu' eſtamos
Co' a forma do Conſoante.
Saber primeiro he precizo,
O Conſoante o que he ;
Eu ſerei breve, e conciſo ;
Mas com razão, e porqué.

(*a*) Muſa propria a cantar prazeres brincando.

Eſpero que ſe me acceite
Eſte goſtozo trabalho ;
E que a minh' arte aproveite,
Salvo a attenção a Borralho .(*a*)
Conſoante he huma vôz
Quando igual com outra ſôa,
Neſtas duas achais vós
Conſoantes : *Goa* , *e boa*.
Mas precizo declarar,
Por hir coherente em tudo,
Que tres ſons haveis achar
Eſdruxulo , *grave* , *agudo*.
Aguda aquella vôz he,
Que fere (*b*)ultima vogal,
Como dizendo *Jozé* ,
Ou *fiel* , ou *desleal*.
Na penultima ferindo,
Eſta vôz grave ſe chama ;
Aſſim como *amado* , *lindo* ,
Gracioſa , *bella* , *Dama*.
N' antepenultima fere
O eſdruxulo galantiſſimo ;
Quem quer o exemplo, pondere
Em *Ruſtico* , ou *pulidiſſimo*.

O

(*a*) Borralho autor de huma arte de Metrificação.

(*b*) Achei melhor explicar-me , com ferir a vogal , que he que dá o ſom á ſylaba , do que tratar do aſſento predominante ; como ſe vê no Quarteto o ferir &c.

O ferir he dilatar
Neſſa vogal carregando,
E o mais que continuar,
Em ſom mudo abreviando.
He da vogal que ferimos,
Que regemos por diante,
S' iguaes letras exprimimos,
Eſſa vôz he conſoante.
Se hum conſoante quizerdes
Para hum verſo ao voſſo *amado*,
Baſta o ſeu ſom eſcolherdes
N' outro, como *deſejado*.
Que he grave já conheceis,
Fere a penultima ſó,
Depois della alli tereis
Iguaes letras, *d*, e *o*.
O que as vozes graves tem,
Nas outras vozes ſuccede;
Da meſma ſórte tambem
Eſdruxulo e agudo, o péde.
Neutral ſegue a *natural*
Onde fere a vogal ultima;
Picaro a *Icaro* igual
Que fere n' antepenultima.
Caſo que outra letra encerre
No meio, difere já,
Amado, e *claro*, eis o *r*.
Que veio depois do *a*.
Eſta differença baſta,
Que as faz naõ ſer conſoantes;
São as vozes deſta caſta
Huma das outras toantes.

Conhecer que he differente
O toante, eu acha bom ;
Pois s' engana muita gente
Com o tom em vez do ſom.
Se o verſo diz coiza boa,
Não digo que não s' eſtima,
Sempre ſe nota a Peſſoa,
Que tem pobreza de Rima.
Conheço mil ignorantes
De huns ouvidos bronzeados,
Que deixão os Conſoantes
Com os toantes trocados.
Fujâmos de tais Juizes,
De tais Cantores fujâmos ;
Se os ouvir-mos, infelizes
Se as orelhas não tapamos.
Deixemos coizas por vir,
Continúe a noſſa lenda ;
Vamos as regras ſeguir,
E quem não ſouber, que aprenda.
He toante em diferindo
Depois da vogal que rege ;
Tens o exemplo em reflectindo
Nas palavras *Leve*, e *Sege*.
O *u* e *g* que ſe lêm
Entre os *e e* mudão o ſom ;
Som igual elles não tem,
Bem que tem hum igual tom.
Regras aos habeis s'eſcrevem,
Não são para a gente toda,
Que ha tais, que á *ſorte* ſe atrevem
Dar o conſoante *roda*.

Para

Para eſtas teſtas de ferro
A minha penna não corre,
Neſſes naſce e creſce o erro,
E por teima vive e morre.
Arminda, eſtá dada a ordem
Para as vozes eſcolher;
Porque em tom ou ſom concordem,
Como as deveis conhecer.
E mal, ſe alguem com rudeza
Mais do que iſto precizar;
Aos que eſcuſa a Natureza
Nao quer Apollo acceitar.
Ai de mim, fallei de Apollo,
Fui-me em Fabulas metter;
Não he daqui, eſtou tollo,
Proprio lugar ha de haver.
Mas de paſſagem ſenhora,
Se a digreção não eſcuzas,
Fallo deſte Nume agora,
E do Pernazo, e das Muzas.
Os antigos figurarão
Eſta ſciencia em hum Monte
Bipartido, em que pintárão
Limpa, doce, e clara Fonte.
Eſte Nume preſidia,
Segundo diz eſta Hiſtoria,
E erão ſua companhia
Nove Filhas da Memoria.
Tinhão diverſos Officios
Eſtas que Muzas ſe chamão,
Soccorrendo aos exercicios
De varios Vattes que as amão.

Se

Se accazo foſſe verdade,
Vós hieis a fazer dez,
Deixemos a antiquidade
Acabemos de hum vez.
E emquanto aligero Bruto
Co' a pegada abre a Hipocrene,
De longe os gritos eſcuto
De quem quer que a Arte ordene.
Negra ignorancia, ſe ladras
Deſta Arte ſobre a reforma,
Cal-te que aos Verſos, e ás Quadras
Já vou dar medida e norma.
Vamos pois principiar
Nas cantigas ordinarias,
Que hoje coſtumão vogar;
Por iſſo as mais neceſſarias.
Vós ſenhora, a voz ſoltando
Que o rapido vento enfrêa,
Começai a ir cantando
Sem ſer de medida alhêa.
Pequeno Verſo ajuizo
Primeiro quereis fazer;
Enſinar-vos he precizo,
Que ſyllabas deve ter.
Se for agudo, ſó ſete,
Oito ao grave ſe háo de dar;
E ao eſdruxulo compete
Nove ſyllabas contar.
Mas cautela o genio tome,
Que ás vezes neſſa tarefa,
Huma vogal outra come,
A que chamão Sinalefa.

Iſto he quando huma dicção
Tem no fim letra vogal,
E a outra começa então
Mas ſó huma ao medir val.
Minha Arminda, branda e linda
Juſto exemplo aqui ſe tome;
Que o *a* de *minha* o de *Arminda*
Envolve em ſi, em ſi come.
Devemos exceptuar
Se for aguda a dicção,
Que o fim não deve juntar,
A's letras que avante vão.
Sirva de exemplo *eſtará*,
Eſtará em boa fé;
Eisaque vê-mos o *a*
Que não vai unir-ſe ao *e*.
Vamos aos artigos mais
E, *o*, *a*, e *do*, *da*, *de*,
Como ſeguintes vogaes
E eſte relativo *que*.
Outra figura ha tambem,
Que ſinerizes chamamos,
Da dicção no meio vem,
Se o proprio lugar lhe damos.
Com ella duas vogaes
Fazem alli união;
A gloria de mandar mais
Eis ahi que unidas vão.
Se não foſſe contrahida
A letra *i* com o *a*,
Seria longa a medida
Pelas regras ditas já.

Eſ-

Eſta contracção ſe faz
Na ſyllaba ſubſequente,
Quando ferida ſe traz
A ſyllaba antecedente.
A's vezes he mais pompoſo
Soltar-ſe o prezo dithongo;
como o nome *glorioſo*
Quando o *i* ſe faz mais longo.
Por hora os mais Verſos calo
Que inda tem menos medida;
Na compoſição vos fallo
Mais uzada e recebida.
Neſſes a regra obſervada
Deſſas figuras já ditas,
He a cantiga formada
Co' as Leis abaixo deſcriptas.
Devo declarar tambem,
Pois qu' inda o não diſſe aſſima,
Que a vós conſoante tem
Outro Nome, chamão rima.
De quatro Verſos iguaes
De huma meſma medição
O quarteto vós formais,
Como eſtes formados são.
Dos quatro Verſos que tem,
Vem o ſeu nome a tomar,
Chamão-lhe quadras tambem,
Vem-lhe o nome de quadrar.
Do fim do Verſo primeiro
O conſoante travando
Com o do Verſo terceiro,
Segundo ao quarto imitando.

E para dar mais apreço
Armi da as minhas razões,
Ja o exemplo vos offreço
D'um quarteto de Camões.

EXEMPLO.

A *Lma que eſtá ofrecida*
A tudo, nada lhe he forte,
Aſſim paſſa o bem da vida,
Como paſſa o mal da morte.
Tendes *ofrecida* e *vida*
Soando da meſma ſorte,
E deſtramente tecida
A rima de *forte* e *morte*.
Deixai falar quem falar,
Eſte ſempre o Meſtre he;
Nem vós podeis encontrar
Quem mais certas regras dê.
Na Redondilha he diverſo,
Pois vai o Verſo primeiro
Rimar com o quarto Verſo,
O ſegundo c'o terceiro.

EXEMPLO.

E *Sperei já não eſpero*
De mais vos ſervir Senhora,
Pois me fazeis cada hora
Tanto mal, que deſeſpero.

Bem

Bem por eſte exemplo vedes
O que eu expliquei agora,
Porque a poſição vós ledes
Das rimas em *ero* e *ora*.
Seis Verſos accreſcentando
A' redondilha depois,
Hides Decimas formando,
De que eu ſei que amiga ſois.
Com o quarto rima o quinto,
Seis e ſete ao do fim vem;
O oitavo ao nono: Eu vos pinto
Que forma as Decimas tem.

Decima.

Lobo.

CRuel, e ingrato Ferino,
Nome, e Coração de féra,
Se da mais bruta ſe eſpera
Hum tão grande deſatino:
A ti deſte amor indino
Florela amante offendida
Inda como agradecida,
De ver que em tão triſte ſorte
Procuraſte dar lhe a morte,
Te deſeja larga vida.

Vai-ſe eſte modo ſeguindo,
Que os antigos não uzavão:
Duas quintilhas unindo
Suas Decimas formavão.

He hum modo de formar
Eſta chamada quintilha
Mais hum Verſo acreſcentar
Aos quatro da redondilha.

I. EXEMPLO. *Camões Epiſt.*

ORA vede que perigos
Tem cercado o Coração,
Que no meio da opreſsão
A ſeus proprios inimigos
Vão pedir a defenção.
Que attendais iſto eu requeiro,
Té ao quarto he redondilha,
E o que a ſegue derradeiro
He quem a forma quintilha.
Deſtas quintilhas porém
Ha muita variedade,
No modo da rima tem
A ſua diverſidade.
Eu peſſo ó Muſa que exprimas
O como elle as outras fez,
Ou juntando as duas rimas,
Ou tecendo-as com as trez.

II. EXEMPLO. *Ibidem.*

SUſpeitas que me quereis,
Que eu vos quero dar lugar
Que de certas me mateis,
Se a cauſa de que naſceis,
Vós quizereis confeſſar.
Rimão ſó Verſo primeiro,
Terceiro e quarto igualmente,
Segundo ao quinto he parceiro
N'outra rima differente.

III. EXEMPLO. *Ibidem.*

POR ſegredo namorado
He certo eſtar conhecido,
Que o mal de ſer engeitado
Mais atormenta ſabido
Mil vezes, que reſpeitado.
Primeiro, terceiro e quinto
Rimão iguaes, e o ſegundo
Vai com o quarto diſtincto,
Cuido que vos não confundo.
Ou deſta, oh daquella caſta,
Duas quintilhas juntando
A fazer Decima baſta;
Eu vou o exemplo moſtrando.

DECIMA ANTIGA. *Camões.*

HUM Rei de grande poder
Com veneno foi creado,
Porque ſendo coſtumado
Não lhe pudeſſe empecer,
Se depois lhe foſſe dado. 1. *Quintilha.*
Eu que criei de pequena
A viſta a quanto padece,
Deſta ſorte me acontece
Que não me faz mal a penna,
Senão quando me falece 2. *Quintilha.*

Vedes as Quintilhas juntas
Eſte Decima formar,
São eſcuſadas perguntas
Neſte modo de rimar.
Porque he como vos moſtrei
Já nas Quintilhas primeiras,
E as outras tirão a Lei
Das ſegundas, das terceiras.
E aſſim como ha quarteto
Neſta medida, e quintilhas,
Tambem ſe fazem tercetos,
Tambem ſe compõe ſextilhas.
Rimão por modos diverſos;
Mas na rima não eſtá,
He do numero dos Verſos
Que o ſeu nome ſe lhes dá.

Mas

Mas minha Arminda cuidado,
Sentido Arminda formoza,
Do que he Verſo eſtá falado,
Vamos ao modo da Gloza.
Não tomareis por pretexto,
Que ignorais o que he glozar.
Que he hum Verſo como texto
N'outros Verſos ampliar.
Differente caſta e lote
Poeticas glozas tem,
E o Verſo glozado he mote,
Saber-lhe o nome convem.
Camões, Bernardes, Ferreira,
E outra mais antiga gente
Glozavão d'outra maneira;
Hoje a gloza he differente.
De certo modo glozavão
A que elles chamavão voltas,
Que humas o mote ligavão,
Outras hião livres, ſoltas.
Lede aqui hum mote alheio,
Que em voltas Camões glozou,
E deſta ſorte bem creio
Que hum claro exemplo vos dou.

MOTE.

Se me deſta terra for,
Eu vos levarei Amor.

GLOZA.

SE me for e vos deixar,
Ponho por cauza que eu poſſa,
Eſta minh' alma que he voſſa,
Com voſco me ha de ficar,
Aſſim que por ſó ficar,
A minh' alma ſe me for,
Vos levarei meu amor,
Que mal pode maltratar-me,
Que comvoſco ſeja mal?
Ou que bem pode ſer tal,
Que ſem vos poſſa alegrar-me?
O mal não pode enojar-me
O bem me ſerá maiôr,
Se vos levar meu amor.

Dous Verſos que motes erão
São nas voltas ampleados,
E elles não apparecerão
Se não aſſim explicados.
Das voltas o outro modo
He hum Verſo declarar,
E o ſentido d'outro todo
Entre as voltas ſe eſpalhar.

MOTE.

Perdigão perdeo a penn a
Não ha mal que lhe não venha.

VOLTA.

PErdigão que o penſamento
Subio em alto lugar,
Perde a penna do voar,
Ganha a pena do tormento.
Não tem no ar nem no vento
Azas com que ſe ſuſtenha,
Não ha mal que lhe não venha.
Quiz voar a huma alta Torre,
Mas achou ſe deſazado,
E vendo-ſe depennado
De puro penado morre;
Se aqueixumes ſe ſoccorre,
Lança no fogo mais lenha,
Não ha mal que lhe não venha.

Outros d'outro modo uzando
Propria gloza quanto a mim,
Os Verſos que vão glozando
Sempre vem da gloza ao fim.
Aſſim os outros uzarão,
E aſſim meſmo uzou Camões;
Decimas aſſim formarão
De que encontrareis milhões.

Mote Alheio.

Já não posso ser conte,
Tenho a esperança perdida;
Ando perdido entre a gente,
Nem morro nem tenho vida.

Gloza.

Depois que meu cruel Fado
Destruhio huma esperança,
Em que me vi levantado
No mal fiquei sem mudança,
E do bem desesperado.
O coração qu' isto sente
A' sua dor não resiste,
Porque vê mui claramente,
Que pois nasci para triste,
Já não posso ser contente.

Por isso contentamentos
Fugi de quem vos despreza,
Já fiz outros fundamentos,
Já fiz Senhora a tristeza
De todos meus pensamentos.
O menos que lhe entreguei
Foi esta cançada vida,
Cuido, que nisto acertei,
Porque de quanto esperei,
Tenho a esperança perdida.

Acabar de me perder
Fora já muito milhor
Tivera fim eſta dor,
Que não podendo mór ſer
Cada vez a ſinto mor.
De vós dezejo eſconder-me,
E de mim principalmente,
Onde ninguem poſſa ver-me,
Que pois me ganho em perder-me
Ando perdido entre a gente.

Goſtos de mudança cheios,
Não me buſqueis, não vos quero,
Tenho-vos por tão alhêos,
Que do bem que não eſpero,
Inda me ficão receios:
Em pena tão ſem medida
Em tormento tão eſquivo
Que morra ninguem duvida,
Mas eu ſe morro, ou ſe vivo,
Nem morro nem tenho vida.

Eſte exemplo que vos dou,
Proprio he de vós e de mim,
De vós que a enſinar-vos vou,
De mim porque paſſa aſſim.
Porém não fallo em paixão,
Que eu ſei que vos deſagrada,
Continue-ſe a lição,
Que o mais pouco val ou nada.

Deſta medida de Verſos
Ha huns Romances galantes,
Que ſervem para narrar,
E ſe formão de toantes.

ROMANCE.

Lob. o Taſt. peregr.

ENganadas eſperanças,
Quantos dias ha que eſpero
Ver o fim dos meus cuidados,
E ſempre pára em começos!
Naſcendo creſceſtes logo,
E veio o fruto naſcendo,
Na flor que de antecipada
Conheci que era imperfeito.

De principio tão ditoſo
Tornaſtes logo a ſer menos,
Que bem ſe engana c'o fim,
Quem tem principio de extremor.

Eis-aqui o exemplo dado,
E dos toantes primeiros
Vai ſempre continuando
Té chegar aos derradeiros:
E não tem nenhuma rima
Primeiro e terceiro Verſo;
Vós vedes no exemplo aſſima
Coplas de modo diverſo.

Cuidais que tenho acabado?
Inda ha muito que falar,
Porém por não ſer cançado
Tratarei de abreviar.
Faltão endeixas, cantigas
De huma medida menor,
Feitas em louvor de amigas,
E doce paixão de Amor.
De ſete ſylabas muitas
De ſeis, e de ſinco mais,
Que hiráõ no fim todas juntas,
Porque não vos confundais.
Já ſe ſabe, que ſe deve
Em termo grave contar,
Que ſendo agudo he mais breve,
O exdruxulo ha de augmentar.
Aſſim neſtes que tratamos,
Os que oito ſylabas tem,
Ou ſete, ou nove lhe damos
Conforme ao termo convem.
Arminda, gentil Arminda,
Se fazer Verſos quereis,
Reſta muito mais ainda,
Que cuidadoſa eſtudeis.
Porém baſtaráõ por hora
As poucas regras gerais:
A eſtes Verſos, Senhora,
Depois hiremos aos mais.
Começa-ſe pouco a pouco
O entendimento a adeſtrar,
Porque he temerario e louco
Quem quer logo aos Ceos voar.

Bem

Bem como o corpo começa
De pequenino a crescer,
Dessa mesma fórma dessa
A idéa cresce em saber.
Quem ao alto de huma escada
Seguro intenta trepar,
Sobe aos poucos, faz parada,
Té que ao alto vai chegar.
A maldita presumpção
Que tem de enganar o officio
Muitos arrebata, então
He seguro o precepicio.
Vós caminhai mais segura,
E com a cauta prudencia
Vereis a ignorancia escura
A' clara luz da sciencia.
Porém não queirais mui perto
Assim á pressa chegar,
Pois quem sahe de escuro, he certo,
Que as luzes fazem cegar.
Pouco a pouco acostumando
Hide os olhos á verdade
Podereis hir soportando
Sua intensa claridade.
Guiada do serio estudo
E guardando as suas Leis,
Ah formoza Arminda! tudo
A seu tempo alcançareis.
Conheço almas vagarosas,
A vossa corre ligeira,
Mas syladas perigosas
Tem de poeta a carreira.

Qual

Qual posso, Arminda querida,
Os seus perigos vos marco,
Por vos não ver submergida
No immundo pegazio charco.
Muza não quer sugeição,
Muita gente vos dirá,
E he pior a confuzão,
Bem que a sugeição he má.
Depois das regras vos dar,
Livre por ellas vagai,
Como bem vos agradar,
Com regra a voz entoai.
Feliz eu se acaso alcanço
Ornar vosso entendimento,
Verei com gosto e descanço
Fructo de hum raro talento.
Daquelle talento raro,
De quem Arminda, de quem...
(Não sei se muito declaro)
Depende todo o meu bem.
Espero vos a proveitem
As lições que vos ordeno,
E em signal de Amor se aceitem
As fadigas de Lereno.

CARTA SEGUNDA

A

ARMINDA,

EM QUE SE TRATA DA COMPOSIÇAÕ
DO VERSO GRANDE, OU DE ARTE MAIOR
A QUE VULGARMENTE CHAMAMOS HEROICO.

POR

LERENO SELINUNTINO

DA

ARCADIA DE ROMA,

ALIAS

D. C. B.

GRAÇAS ao meu trabalho, que eu já vejo
Em parte satisfeito o meu desejo:
Tu me deves, Arminda, sim, tu deves,
(E cuido, que a negalo não te atreves)
Hum realce das graças, e belleza,
De que te ornou a rica Natureza;
Desenvolveo-se o metrico talento,
Já he maior o teu merecimento.

Tú

Tú já pizas do Pindo a longa eſtrada,
E de Euterpe, e Therpſicore guiada,
Caminhas a banhar-te na Heliconia;
E alli ao lado da meliflua Jonia,
Da elevada Lilia, e Marcia terna
Farás com Tirce a tua fama eterna.
Veja o vulgo ignorante aſſim perplexo
Que as meigas Muſas amão o ſeu ſexo.
E poſſa a auſtera gente Portugueza
Reſtituir o credito á belleza,
A quem abrindo as Graças ſeu theſouro
Apollo entrega a doce Lyra d' oruo.
Grecia que o diga, que o repita Italia,
E ſolte as vozes a confuſa Galia.
A eterna Sapho, a immortal Fauſtina,
A viva, e ſuaviſſima Corina,
Bocage, Dacier, Des-Houlieres,
Não são baſtante exemplo? E q̃ mais queres?
Apollo quer que os teus talentos ornes,
Começaſte o caminho, atras não tornes.

Forão uteis Lições, uteis fadigas,
Tù já fazes quartetos, já cantigas,
As Decimas ajuſtas, compões glozas,
E paſmão de te ouvir mil orgulhoſas,
Que invejando-te muito a face linda
O engenho, e arte mais t' invejão inda.

Chamá-te Poetiza, e já te alegras,
E apenas ſabes as primeiras regras;
Mas do teu eſtro oſtentação não faças,
Que de oito, ou nove ſyllabas não paſſas.

Por

Por harmonico tom da Natureza,
Se cantas Verſos de maior grandeza,
He qual ſimples Menino que applicado
Forma accaſo no chão cerro hum quadrado,
Hum circulo, hum triangulo affim forma,
E não ſabe a medida, a regra, a norma.
Neſcio da proporção que ás linhas cabe,
O meſmo nome do que faz não ſabe.

Póde huma vez o accaſo acreditar-te
Entre ignorantes, imperitos d' arte,
Que uſados a compôr ſem ter preceitos,
Nem conhecem os teus, nem ſeus defeitos:
A bizonho Pintor alguem celebra
O quadro máo que depois raſga, ou quebra,
Quando hum' arte fiel filha do eſtudo
Lhe vai moſtrar qu' eſtava informe tudo.

Não te deixes levar de vãos louvores;
Teme o voto dos teus adoradores;
Que por teus lindos olhos deslumbrados
Verſos que erraſte, medem acertados:
Amor a eſtende, ſe a medida he curta,
E ſe he ſobeja, a demazia incurta:
Tal vejo emfim, que no amoroſo Officio,
Te faz do entendimento hum ſacrificio,
E do ſeu coração por intereſſes
Te dá falſo louvor, que não careces.

Cautella pois Arminda, ſim cautella,
Que eu vejo ameaçar rija procella.
Tu deves ſegurar os teus talentos,

Por-

Porque não voguem á mercê dos ventos ;
Os olhos fitos ſobre o rumo d' arte
Apruma , e ſonda para deſviar-te ;
E em ſeguro baixel que rege o eſtudo ,
A são e ſalvo tu vadeas tudo .
Ao Sancto Alcaçar, onde em tua gloria
Te dáo louvor as filhas da Memoria .

Sentada junto á doce Cabalina
Corre aos paſſados Sec'los a cortina ,
E lê nos faſtos que a memoria encerra ,
Como baixára a Poeſia á terra .

Clama o Egypto que primeiro a vira
E a ſua doce vôz primeiro ouvira :
Qu' imitando das Aves o gorgeio
A dar medida ás noſſas vozes veio :
Que aos Paſſaros os Homens imitando ,
Hymnos Sanctos aos Ceos vão concertando .
Que cantarão depois aſſim ſeus Reis ,
E eſte ſuave ſom lhe adoça as Leis .
A Chaldèa o recebe , e Grecia o toma ,
Dalli o tem a vencedora Roma .
Que aos ſubjugados Povos o eſtendêra ,
Quando as Virtudes com as Leis lhes dêra .

Aſſim a doce divinal Poeſia
Propagando os triunfos da harmonia ,
Dictára aos Gregos os coſtumes puros ,
E erguera a Thebas alteroſos muros .
De Auguſto no magnifico Palacio
Com Virgilio cantou , rio com Horacio :

Nas

Nas ſabias Cortes, nas Campinas rudes
Vicios punindo, honrando as sãs virtudes,
Sobre medidas ſyllabas caminha,
E aſſim á Luſitania ſe avezinha.
Traz por adorno a ſonoroſa rima,
Qu' Italia, França, Heſpanha tanto eſtima;
Adorno que ella deſpe muitas vezes,
Inda em meio de auſteros Portuguezes;
Sem que por ſe moſtrar deſafeitada
Seja entre os Sabios menos eſtimada.
Acabou a toada Leonina
Da ſacra magiſtral Lingua Latina:
Noſſa linguagem pois veio daquella,
Dirão, devem ſeguir-ſe os paſſos della.
Não crêas tudo quanto os outros dizem,
He precizo que as cauſas ſe analizem,
E talvez nem o exemplo nos importa
De huma linguagem boa, porém morta;
Ha outras Linguas della deſcendentes,
Que devemos ſeguir como Parentes.
Os que raihão da rima em noſſa Lingua,
Talvez he por dureza ſua, e mingua:
Eu ſei que a Italiana naſceo antes,
E conſerva no verſo os conſoantes,
Inda ſendo mais facil a mover-ſe,
Porque ſabe alongar-ſe, ou encolher-ſe.

Vê a Sabia gentil Muſa Franceza
A pés juntos marchar unida, e preza,
E repreſenta aſſim ſem que mal fique,
As acções grandes do famoſo Henrique.

Nem

Nem a Tragedia o geſto ſeu afronta,
Se em paſſo unido os altos feitos conta.
Aſſim o Cid, e Zara honrão a Scena
Sem dos Poetas infamar a penna.:
Se vamos lêr ao Pindaro de Heſpanha,
Que pelas nuvens rapido ſe entranha,
Nós não diremos não, que a ſua rima
Deixára o ſeu talento em pouca eſtima.
Ouve a Camões a Epica trombeta;
Verás que a rima ornou Muſa diſcreta,
E que ſabia, e gentil não desfigura
De Adamaſtor a horrida figura.

Vamos porém co'as regras adiante,
Seja enfeite da Muſa o Conſoante;
Mas venha proprio, em proprio lugar poſto,
Que então realçará da Muſa o goſto.
Lembrete gentil Moça, qu' enfeitarão
Mãos inertes que o geſto lh' eſtragarão
Porque o Bonet de ſórte lhe puzerão,
Que á natural belleza lh' empecêrão.
Aſſim mal applicado o conſoante
Eſtraga, como a touca, o bom ſemblante.
Não tem noſſo Parnazo hum meſmo Canto,
Varîa em tons, e muitos pedem tanto:
Varias compoſições de varia ordem
Pedem que em ſua ſolfa aſſim diſcordem;
Ora a Muſa vai livre, ora ſugeita;
Por mais que pro, e contra alguem te alegue,
Teu genio eſcolha, e o teu genio ſegue.

Se á tu' alma porém falta a harmonia,

Fo-

Foge da melindroſa Poeſia,
E em vão a maior marcha emfim te aprontas,
Se os largos paſſos pelos dedos contas:
Previne ſempre quando as vozes lances,
Em que lugar o folego deſcances,
Que eſte Verſo maior tras ſeu canſaço,
Se com regra não pouſa eſpaço a eſpaço.

Se o metro vais compôr de maior arte,
O Verſo em onze ſyllabas reparte.
Seja a decima longa, a outra breve,
Que aſſim a Lei do Pindo lhe preſcreve:
Se esdruxula dicção o finaliza,
Então mais huma ſyllaba preciza:
Se com dicção aguda ſe conclue,
Então huma das onze diminúe;
E na decima longa que aſſignalo,
O meu Verſo acabei, e ahi me callo:
Mas d' altiva Epopêa na vôz bella
Deſtes Verſos agudos te acautella;
E evita no Soneto eſcrupuloſo,
Hum tal verſo que o faz menos formoſo:
Se hum conceito porém melhor ſe exprime,
Não ha medida então que o deſeſtime.

Com eſtes Verſos de maior medida
A heroica Muſa ao Canto nos convida,
Heroico aſſim ſe chame, porque tome (nome:
Do aſſumpto a q̃ he mais proprio, hũ proprio
Com elle aos Luſos dêo eterna fama
O immortal Cantor do illuſtre Gama,
E com elle o grandiloquo Pereira

Dêo

Dêo a Lisboa a gloria verdadeira :
Mil outros caſos noſſos muito honrados
Nos Verſos deſta ordem são cantados :
E ou ſolto , ou prezo co' a ſonora rima
Tem dos proprios , e eſtranhos alta eſtima .
Com elle a Poeſia abranda , adoça
Duros principios da Linguagem noſſa .

Eia , Arminda , ſe o genio te convida ,
Mãos á obra : aqui tens regra , e medida :
Recorda-te que ao Verſo em que eſcrevemos,
Sendo grave , onze ſyllabas daremos ,
Tem o eſdruxulo doze , dez o agudo ,
O Emiſtiquo ſete , e diſſe tudo :
Segue eſta differença o ſeu quebrado
Em grave , agudo , e eſdruxulo notado;
Mas a ſyllaba ſexta longa ſeja,
Bem que a final dicção de oito ſe veja .
Não julgo eſtes preceitos já confuſos ,
Sabe-ſe o verſo , vamos aos ſeus uſos ,
Como ſe trava , ou empatelha a rima ,
E qual o Canto que a requer , e eſtima .

Muitas vezes grandiloqua Epopêa
Solta deſta prizão vôa , e paſſêa ,
Outras vezes ſem ter duro embaraço,
Vai medindo em Oitava o ſeu paſſo .
Aſſim Camões a heroica marcha ordena ,
Aſſim de Caſtro a delicada penna .
Cabe agora notar, qual ſe une , e trava
Sonora rima na gracioſa Oitava ;
Que em ſi meſma hum diſcurſo concentrado

Vai

Vai para outros a paſſagem dando,
E em curtos ramalhetes bem diverſos
Das flores da eloquencia adorna os Verſos,
Fazendo em huma muſica alternante,
Que ſirva no compaſſo o Conſoante.
Sôa o primeiro co' o terceiro, e quinto,
Segundo, e quarto, e ſexto he ſom diſtinto;
E o ſetimo, e oitavo ſempre unidos
Enchem de hum final ſom noſſos ouvidos.

EXEMPLO.

AS Armas, e os Varões aſſinalados,
Que da occidental praia Luſitana
Por mares nunca d' antes navegados
Paſſarão muito além da Traprobana:
Que em perigos, e guerras esforçados,
Mais do que permittia a força humana,
Entre gente remota edificarão
Novo Reino, que tanto ſublimarão.

Luſiad. I.

Eſta grata invenção, que da Caſtalia
Correo a fecundar Eſpanha, Italia,
De huma facil maneira ſe acommoda
A todo o aſſunto, e a materia toda.
Aſſuſta-nos co' o rufo dos tambores,
Alegra-nos co' as graças, e os amores,
Pinta os Campos, Cidades, Leis, coſtumes,
No mundo honra os mortaes, no Ceo os Numes:
Hum ora esfria, outr' hora ſe afoguêa
E alterna a marcha a goſto da Epopêa.

Tem

Tem ſextilhas tambem uſo ſeguido,
E em alguma Epopêa tem ſervido:
Servem como as Oitavas caminhando
Ora em paſſo mais forte, ora mais brando:
E porque o ſom poetico ſe exprima
No quarteto alternando a varia rima,
Reduz a mais curteza o ſeu contexto,
E acaba unindo o quinto verſo ao ſexto.

EXEMPLO.

Muitas vezes meus verſos me pediſte
Que tos moſtraſſe, e nunca tos moſtrei;
Em não pedir-te os teus, ſe bem ſentiſte,
Entenderieis porque tos neguei:
Da paga me temi, ſe a não teméra,
Muitas vezes meus verſos já te lêra.
Pedro de A. Cam.

Eſta ſextilha chamão ſexta rima,
Que mais a moda uſa, e a moda eſtima:
Ha outra, em que Camões forma as Eſtancias,
E travão de outro modo as conſonancias,
Hindo achar nas ſeguintes armonîa
Do arranjo em que a primeira principia.

EXEMPLO.

Foge-me pouco a pouco a curta vida,
Se por caſo he verdade que inda vivo:
Vai-ſe-me o breve tempo d'ante os olhos;
Choro pelo paſſado, e em quanto fallo

Se

Se me paſsão os dias paſſo a paſſo ;
Vai-ſe-me emfim a idade , e fica a pena .

Que maneira tão aſpera de pena,
Pois nunca hum' hora vio tão longa vida
Em que do mal mover ſe viſſe hum paſſo .
Que mais me monta ſer morto , que vivo ?
Para que choro , emfim ? Para que fallo ,
Se lograr-me não pude de meus olhos ?
Camões Sext. 1.

Não , eſte exemplo aſſim não te confunda ,
Buſca a vôz da primeira na ſegunda ,
Huma remata , outra começa em pena ;
E outros ſaltos aſſim a Muſa ordena .

Não eſcuſo aos quartetos dar a norma ,
Pois que a Muſa os varîa em ſua forma :
Em huns do quarto a rima une ao primeiro,
E ata a do ſegundo á do terceiro .

Exemplo.

Cruel , que te fiz eu , que me aborreces ?
Tens duro coração mais que hum rochedo :
Eu ſou tigre , ou leão que meta medo ,
Que apenas tu me vês , deſappareces .

Em outros vão as rimas alternadas
Rimar aonde cabem terceadas
Verſos que a Muſa de ordinario inſpira
A quem nos Campos faz ſoar a Lyra .

EXEMPLO.

EM vão será negar, trago no rosto
Escrito o meu total desasocego;
Neste cruel estado me tem posto,
Os enganos suaves d'Amor cego.
Lreeno a Arminda.

Ao triste som do funebre alaúde
Melpòmene, que em pranto honra a virtude;
Sempre gosta exprimir os seus afectos
Nas variadas rimas dos tercetos.
Com elles dos Heroes á Campa fria
Caminha a saudosissima Elegia:
De funereos cipreстes mal toucada,
Nos discursos pousando por cançada:
O primeiro se une ao seu terceiro,
Busca o solto segundo hum companheiro.

EXEMPLO.

QUe tristes novas, ou que novo damno,
Que inopinado mal inserto sôa,
Tingindo de temor o vulto humano?
Que vejo as praias humidas de Goa
Ferver com gente atonita, e turbada
Do rumor que de bocca em bocca vôa!
He morto D. Miguel (Ah crua espada!)
E parte da lustrosa companhia,
Que alegre se embarcou na triste armada.
Cam. Eleg. 10.

Mas

Mas deſte modo facil, e corrente
Se tem aproveitado muita gente:
Elle ſerve aos terniſſimos Paſtores
E exprime a vôz dos duros Peſcadores:
Com elles he que a Ecloga me pinta
O que amor faz ſentir, e quer que eu ſinta.

EXEMPLO.

A Gora já que o Téjo nos rodêa,
Neſte penedo dando manſamente.
Murmurando ſe quebra a branda vêa.
Eſpera Delio, até que do Occidente
De azul deixe a ribeira matizada
O Sol levando o dia a outra gente.
Entre tanto daqui verás pintada
A práia de conchinhas de oiro, e prata,
E a agua dos manſos ſopros encreſpada.
Camões Eclog. 14.

Diverſa travação de conſoantes
Ordenão mil Poemas ellegantes,
Que tratados com arte, e com deſtreza
Dão fama, e honra á Muſa Portugueza:

E deſtes que por força hão de ter rima,
Que grande valor tem, que grande eſtima
O Soneto, que em metrica phalange
Arroſtra quanto a Poeſia abrange?

Diſpõe a heroica marcha em dois quartetos
Que remata depois em dois tercetos,

Sem consentir que hum termo se repita,
Acceita só a vôz que necessita:
Naturaes expressões devem unillo,
E a rima obediente ha de servillo,
E o Vate o seu discredito procura,
Se aguda, grave, e esdruxula mistura.

Nesta composição pois excellente
A rima he quatro vezes differente.
Primeiro, quarto, quinto, e oitavo verso,
Não se usa rimar em som diverso:
O segundo, e o terceiro vão unidos,
E são do sexto, e setimo seguidos:
Aos nove, aos onze, aos treze he huma a rima
Vão dez, e doze ao verso em que se ultíma.

EXEMPLO.

O *Raio crystallino se estendia*
Pelo mundo da Aurora marchetada,
Quando Nize, Pastora delicada
Donde a vida deixava, se partia.
Dos olhos com que o Sol escurecia
Levando a luz, em lagrymas banhada.
De si, do Fado, e Tempo magoada,
Pondo os olhos no Ceo assim dizia:
Nasce o sereno Sol puro, e luzente
Resplandece purpurea, e branca Aurora,
Qualquer alma alegrando descontente:
Que a minha, sabe tu, que desde agora
Jámais na vida a podes ver contente,
Nem tão triste como eu outra Pastora.

Cam. Son. 89.

De

De outra arte a Muſa antiga os acommoda,
Que ainda os Verſos tem uſança, e moda.
Temos quartetos ditos terceados,
Temos tercetos n' outro ſom travados:
Tem o chavão de Meſtres reſpeitaveis,
Mas são hoje entre nós pouco agradaveis.

EXEMPLO.

VOs que eſcutais em rithmas derramado
Dos ſuſpiros o ſom que me alentava,
Na juvenil idade, quando andava
Em outro, em parte do que ſou, mudado.
Sabei que buſca ſó do já cantado
Em tempo que ou temia, ou eſperava,
De quem o mal provou que eu tanto amava,
Piedade, e não perdão o meu cuidado.
Pois vejo que tamanho ſentimento
Só me rendêo ſer fabula da gente
(Do que comigo meſmo me envergonho.
Sirva de exemplo claro meu tormento,
Com que todos conheção claramente,
Que quanto ao mundo apraz, he breve ſonho.
Cam. Son. 101.

Aceroſticos, retrógrados, caudatos
Paſsão por ſer de velhas Muſas flatos;
Paſſou a ſubtileza genuina
Co' o tempo do bigode á Fernandina:
Quando os enigmas, quando os anagramas
Forão o enleio das diſcretas Damas,
Quando o bifronte equivoco fazia

O prazer, e era o ſal da companhia :
Deixou c' os rolos eſta Moda á Muſa
E hum tom mais ſerio nos Sonetos uſa,

A's Lyras, e ás Canções ſerve eſte Verſo
Com a rima travada em ſom diverſo,
E ſerve aos Madrigais, e ſerve ás Odes,
Que aos Aſtros ſoltas conduzir tu pódes ;
Sua deſordem gracioſa, e bella
Extriores preceitos atropella,
E vai da mente acceza no Capricho
Volteando a eſtrada a ſeu objecto fixo :
Aſſim materia propria arde inflammada,
Fluctûa a flamma unida, ou ſeparada ;
E ſeguindo eſte vario deſafogo
Moſtra abatida que ſe apaga o fogo.

Nem mais me alongarei, porque não cance
Com Madrigal, com Silva, com Romance:
Eſte ſegue no tom ordem preſcripta
Ao do Verſo pequeno, e a dou por dita :
A Silva os conſoantes emparelha,
Quebrados lhe permitte a regra velha
Como á Ode, á Canção, á meiga lyra
Sem que niſto Lei certa inſtituira.
Eſta Poeſia facilmente corre,
E a Memoria fugás no tom ſoccorre ;
Ao Vate, que ſe inflamma de improviſo
Eſte facil Poema acho preciſo,
Quantas vezes Arminda me eſcutaſte,
E humas vezes tu riſte, outras choraſte?

O chiſtoſo Epigrama me eſquecia,
Onde oſtenta agudezas a Poeſia:
He breve, e as ſuas rimas ſe diſpoem,
A ſabor do Poeta que o compoem
Parece que ſingelo vai tecido,
E remata porém dobre o ſentido.

O Madrigal que em meio do ſeu gado
Por ſingelos Paſtores he cantado,
Curtas eſtancias tem, com que ſe áta
Com que expoem, entretem, e emfim deſata.
Huns por tercetos vão marchando á meta,
Outros vão a capricho do Poeta.
Nos Verſos tem a Lei, não nos aſſuntos:
Não mais de onze, e os finaes que rimem
(juntos.
Não quero mais Arminda não canſar-te,
Baſta de Exemplos, Regras, Leis, e Arte:
Pouco baſta a quem tem tanta viveza,
Supra os defeitos d' Arte a Natureza:
Para adornar deſſa alma a formoſura
Enriquece la pódes co' a Leitura
Do rico toucador, pois nas gavetas
Miſturarás c'o as fitas os Poetas,
Co' a lição, e co' os olhos vencedores
De ti ha de valer-ſe o Deos d' Amores,
Vencerás os ouvidos como a viſta;
Já por mim começaſte eſta conquiſta.

LERENO.

TRA-

TRADUCÇÃO
DA ARTE POETICA DE BOILEAU
PELO
EXCELLENTISSIMO CONDE
DA ERICEIRA.

CANTO PRIMEIRO.

I.

EM vão quer no Parnaso hum temerario
Da Poesia tocar a sacra altura,
Se des de que nascêo tem por contrario
De hum influxo secreto a luz impura:
Ao seu genio captivo, estreito, e vario
Nunca Phebo concede a attenção pura,
E o Pegaso volante, e generoso,
Se lhe nega detido, e vagaroso.

II.

O vós, a quem o ardor com risco inflamma,
Da descrição na estrada perigosa,
Não consumais sem fruto a nobre chamma,
Se o genio foge, e o metro busca a proza:
Temei hum gosto, que talvez infama,
Com a vista agradavel, e enganosa,
E se ha em vós, consultareis prudente,
Furor divino, espirito valente.

III.

Com engenhos fecunda a Natureza
Os talentos reparte nos Autores ;
Hum tem nos Epigrámas a agudeza ,
Outro exprime de amor finos ardores ,
Malherbe canta de hum Erôe a empreza ,
Racan-Philis , e os boſques , e os Paſtores,
Mas quem ſe liſongêa , e favorece
Se ignora a ſi , e o genio deſconhece :

IV.

Aſſim outro , a quem vio caſa abatida
De verſos com carvões tingir os muros ,
Canta com vôz ouz da , e preſumida
Do perſeguido Hebrèo triunfos ſeguros :
E ſeguindo a Moiſés neſta fugida
Peſos deſertos barbaros , e eſcuros
Do cruel Pharaó entre os pezares
Corre a afogar-ſe em tormentoſos mares.

V.

Ou ſe trate hum aſſunto heroico, ou brando,
Nunca a rima ao conceito ſe adiante ,
Hum com outro parece eſtão pugnando ,
Mas ſerve como eſcravo o Conſoante :
Para o achar primeiro trabalhando
Corre hum pouco o engenho vacillante ,
Porém nunca a fadiga perpetúa ,
Pois logo com o uſo ſe habitúa.

VI.

Ao jugo da razão ſerve obediente,
Sem captiva-la vem enriquece-la,
Mas ſe ella ſe deſcuida negligente,
O Conſoante livre ſe rebella:
Por tornar a doma-lo diligente
O ſentido em ſegui-lo ſe diſvé-la,
Amai pois a razão, que ſempre illuſtre
Dá aos voſſos eſcritos preço, e luſtre.

VII.

Da maior parte o animo inſenſato
Põe longe do ſentido o penſamento,
E crem que humilhão monſtruoſo ornato,
Se de outro imitão menos nobre alento:
Sem exceſſo deixai eſte aparato
Da louca Italia ao falſo luzimento
A razão tem no acerto huma ſó via,
O caminho he penoſo, incerta a guia.

VIII.

Chêo hum Autor difuſo d' huma idéa,
Nunca ſem a eſgotar a deſampara,
Pinta a hum Palacio a face, e me paſſêa
De eirado a outro eirado, e nunca pára:
Balcões, e gallerias me nomêa,
O ouro aos balauſtres fino aclara,
Aſtragallos, feſtões deixa pintados
Entre planos, eſfericos, e ovados.

IX.

Salto de vinte folhas a diſtancia,
E no ultimo jardim me ſalvo apenas;
Fugi de tão eſteril abundancia,
Emprego inutil das Eroicas penas:
A demaſia he chêa de ignorancia,
Deſprezão-na cançadas as Camenas;
Quem não derem o arrebatado pletro,
Malquiſta a vôz, deſautoriza o metro.

X.

Por emendar do baixo eſtylo o vicio,
Ao verſo, que era humilde, fazeis duro;
O temor vos conduz a hum precipicio,
Evitando o ſer largo, ſois eſcuro:
Hum, a quem falta influxo mais propicio,
Fica deſalinhado por ſer puro,
E outro que ſubir quiz, por elevado
Des de as nuvens naufraga deſpenhado:

XI.

Quem quer lograr do publico os louvores,
De variar diſcurſos nunca ceſſe,
O eſtylo igual, unidos os primores,
Aos olhos que ſuſpende, reſplandece:
Que pouca eſtimação tem os Autores,
E que enfadoſo o ſeu cantar parece,
Quando em hum meſmo tom nada jocundo
Nos matão pſalmeando pelo mundo.

XII.

Ditoſo aquelle, cujo nobre alento
Os eſtylos nos metros alternando,
Sabe paſſar com hum ligeiro aſſento
Do grave ao doce, do ſevero ao brando:
Eſtimado o ſeu livro do alto aſſento,
E aos diſcretos Leitores venerando
Sempre o procura em ambição glorioſa
A' porta do impreſſor a turba ancioſa.

XIII.

Evitai nos eſcritos a baicheza,
E entre o jocoſo reſplandeça o ſerio;
O burleſco algum tempo ſem grandeza
Teve por novo na attenção o imperio:
Do trivial equivoco a agudeza
Foi do Parnaſo indigno vituperio;
Eſta licença já ſem freio, ou polo
Pôs disfarces ridiculos a Apollo.

XIV.

Todo o mundo infeſtou mal tão terrivel,
Que des de o vulgo aos Soberanos paſſa,
Inda o mais ſem ſabor ſe achou plauzivel,
E até a d' Aſſouci ſe achava graça:
Mas eſta extravagancia aborrecivel,
Da Corte, e dos diſcretos na diſgraça
Marot ſe imita ſabio no picante
Diſtinga-ſe o burleſco do galante.

XV.

Mas não ſigais Brebeuf, cujas Poeſias
Até na grá Pharſalia collocarão,
Com montanhas de mortes, e agonias,
Vozes que aos ignorantes admirarão:
Sublimes ſem vaidade as armonias
Sempre com arte as vozes moderarão;
Séde ao Leitor plauzivel, e eſtimavel,
Que nunca afectação foi agradavel.

XVI.

Os ouvidos ſeveros na cadencia,
Com propriedade o numero partido,
Porque ſuſpenda a matrica eloquencia
No hemiſtiquio deſcancem os ouvidos:
Não prevertais de huma vogal a eſſencia,
Quando outra encontra, e ſejão eſcolhidos
Os termos que as idéas harmonioſas
Se perdem entre as vozes eſcabroſas.

XVII.

Ao Parnaſo nos ſeculos primeiros
Só o Capricho em França as Leis fazia,
Davão os conſoantes mais groſſeiros
Cizura, ornato, e numero á Poeſia:
Soube Villon de antigos Romanceiros
Tirar da arte confuza a melodia,
Abrio Marot aos verſos as eſtradas
Nos rondós, nos Triolets, e nas Balladas.

XVIII.

Deſtes Ronſarde ſucceſſor indino ,
Por querer emendar, confundio tudo ;
Porém o ſeu Francez Greco-Latino
Foi hum dia dos cultos pobre eſtudo :
Já perdêo a fortuna o ſeu deſtino
Cahindo o fauſto pedanteſco , e rudo
Deſportes , e Bertaut eſcarmentados
Ficão a ſeu exemplo moderados :

XIX.

Malherbe em França emfim a diſſonancia
Soube ajuſtar dos verſos na cadencia ,
E ás vozes igualando a conſonancia ,
Moſtrou á Muſa as regras da eloquencia:
Reparou o idioma co' a elegancia ,
E por elle adquirio clara excellencia ;
As eſtancias com graça lhe cahirão ,
E os verſos ſem dureza ſe exprimirão .

XX.

Segui pois eſta guia , eſte modello ,
E imitai-lhe a puriſſima clareza ,
Sempre hei de lêr huns verſos com diſvello
De perceber cultiſſima agudeza :
Deſte inutil trabalho logo apello ,
E em tantos vãos diſcurſos na eſtranheza
Nunca ſigo hum Autor , ſe ao eſtimallo
Sempre hei de andar buſcando-o para acha-lo ;

XXI.

De alguns genios os triſtes penſamentos
Embaraçados ſempre em nuvens denſas
Não pódem da razão nos luzimentos
Desbaratar as funebres offenſas :
Cuidai , ſe de eſcrever tendes intentos ;
Dando á idéa as luzes mais intenſas,
Que o que puro , ou confuſo ſe concebe ,
Mais claro , ou mais eſcuro ſe percebe .

XXII.

E ſobre tudo não caiais no abiſmo
De adulterar do Idioma o ſer ſagrado,
Nunca admitais pompoſo barbariſmo
Inda na melodia diſtarçado :
De que ſerve hum ſoberbo ſoleciſmo !
Que val hum termo proprio , e viciado ?
Emfim he o Poeta mais divino
Sem pureza da lingua Autor indino .

XXIII.

Cuidai com ordem , e eſcrevei ſem preſſa,
Não preſumais de rapida loucura ;
Hum eſtylo , que corre , e nunca ceſſa ,
Pouco do entendimento a força apura :
Mais do que huma torrente , que ſe apreſſa
A inundar a campanha aſpera , e dura ,
Eſtimo hum rio , que na branda arêa
Vagaroſo entre as flores ſe paſsêa .

XXIV.

Lento vos apreſſai, mas neſte eſpaço
Não deſmaieis por não achar conceito,
Vinte vezes applique á obra o braço
A forja de que foi diſcreto effeito:
Puli-a ſem ceſſar, ſem embaraço,
E tornai-a a pulir não ſatisfeito,
Dai-lhe talvez augmentos primoroſos,
E riſcai, que eſtes verſos ſão glorioſos.

XXV.

Não ſe eſtima hum Poema, que reparte
Acertos com mil erros desluzidos;
Hão de ſer ſempre iguaes em toda a parte
Os extremos ao meio dirigidos;
Firmão hum todo as obras de mais arte
De partes differentes aos ouvidos;
E aſſim nunca o diſcurſo perca o fio
Buſcando longe hum culto deſvario.

XXVI.

Temeis aos voſſos pública cenſura?
Sede a vós meſmo critico ſevero;
A ignorancia admirada não murmura,
Mas buſcai confidente o mais ſincero:
N'um amigo a verdade he mais ſegura,
Dos voſſos erros inimigo auſtero,
Humilhando de Autor louca vaidade
Diſtinguindo a liſonja da verdade.

XXVII.

Créde mais os conſelhos, que os louvores,
Que algum moſtra que aplaude, e ſatiriza;
Vêde hum adulador, com que clamores
Em extaſis os verſos ſolemniza:
Tudo he divino, tudo são primores,
Nada o offende, tudo o ſuaviza,
Enternecido chora, alegre falta,
E com váos elogios vos exalta.

XXVIII.

Oh que a verdade ignora fingimentos,
E hum ſabio amigo, duro, rigoroſo
Não diſpenſa os mais leves penſamentos,
Com voſſos erros nunca foi piedoſo:
Elle colloca os verſos mais violentos
Da emphaſi ambicioſa cuidadoſo,
Na fraſe, na Grammatica repara,
No equivoco duvida, o termo aclara.

XXIX.

Aſſim hum verdadeiro amigo falla,
Mas intratavel vos em rcompenſa,
Quereis dar tom a obra, apadrinha-la,
Intereſſado na ſuppoſta offenſa:
Se huma baixa expreſsão vos aſſigna-la
Para que paſſe lhe pedis licença;
Iſto he frio (vos diz) oh! que he notavel
Iſto he máo... oh! ſenhor que he admiravel.

XXX.

Em ſe não deſdizer vive empenhado
O neſcio Autor em contumacia féra,
E hum verſo não conſente ver riſcado,
Como ſe nelle hum titulo perdera:
A quem encontra, a firma confiado,
Que ſempre amou a critica ſevera,
Que tem nos verſos mando ſoberano,
E lhe prende a attenção com eſte enganno.

XXXI.

Depois de os recitar muito cantente
Logo hum ſimples encontra a que os refira,
Que hum neſcio Autor no ſeculo preſente
Sempre encontra outro neſcio que o admira:
Na nobreza, e no vulgo juntamente
Tem parciaes a ignorancia, em que reſpira,
E ſempre louva (a ſatyra he conſtante)
Ao ignorante algum mais ignorante.

FIM

DO PRIMEIRO CANTO.

CANTO SEGUNDO.

I.

QUAL na feſta aldeãa, bella Paſtora
De rubins ſe não touca rutilantes,
E o ornato fragante colhe a flora,
Sem que lhe meſcle o ouro c'os diamantes:
Aſſim o humilde eſtylo que namora
Se ha de ver nos Idilios ellegantes,
E ſem hum verſo amar vangloriоſo
Ha de ſer natural, e não pompoſo.

II.

No eſtylo paſtoril o bom Poeta
Deſperte, e liſongêe com doçura;
Não com furia pompoza, e indiſcreta
Siga do culto idioma a fraze eſcura:
Tocar em huma Egloga a trombeta,
Deixar com raiva a frauta doce, e pura,
Faz Pan fugir ás canas temeroſo
E as Ninfas bellas ao criſtal undoſo.

III.

Outro na toſca lingoa dos Paſtores
Em contraria loucura a voz exprime,
E os ſeus verſos groſſeiros, e infriores
Perdem beijando a terra o ſer ſublime:
Ronſarde em inſtrumentos ſem primores,
Com goticos Idilios nos oprime,
E a Licidas, a Philis com porfia
Mudando os nomes perde a melodia.

IV.

Dificultoſo entre eſtes dous extremos
He o caminho de hum perfeito Idilio:
Para o achar ſigamos, e imitemos
O eſtylo de Theocrito, e Virgilio:
Seus verſos amoroſos conhecemos,
Que tem das graças o ſupremo auxilio:
Lede-os ſem os deixar todas as horas,
E aprendereis das Lyras mais ſonoras.

V.

Nelles ſe vê o humilde ſem baixeza,
Flora, e Pomona, os Campos, e os Pomares,
Do combate da frauta a doce empreza,
Animar dous Paſtores ſingulares:
Mudar Narcizo, e Daphne a natureza,
Louvar de Amor os goſtos, e os pezares,
E huma Ecloga faz com arte eſtranha,
Talvez digna de hum Conſul a campanha.

VI.

Deſte Poema ſegue a força , e graça.
Alta , mas ſem audacias , a Elegia ,
Enlutada lamenta huma diſgraça
Solto o Cabello ſobre a urna fria ,
Quando huma Dama adula , ou ameaça
Pinta do amante a pena , e a alegria ;
Mas para ſer feliz clara , e diſcreta,
Val mais ſer amoroſo , que Poeta .

VII.

Aborreço os Autores , de que a Muſa
De incendios me entretem fria , e violenta ,
A arte louca , e ſabia penas uſa ,
E em gelo amante a Poeſia oſtenta :
O affecto doce, afeitação confuſa ,
A carga das cadêas accreſcenta ,
E adorando as prizões faz enſofridos
Triſte a razão , queichoſos os ouvidos .

VIII.

Não neſte tom rediculo dictava
Cupido os finos verſos amoroſos ,
Que rendido Tibullo ſuſpirava,
Que animou os accentos harmoniоſos :
Com què o terno Ovidio ao peito dava
Da arte de amar preceitos deleitoſos ,
E porque huma Elegia ſe aſſignale
O coração ſe explique , a vôz ſe calle .

IX.

Com mais pompa, e não menos energia
Eleve a Ode ao Ceo seu vôo altivo,
Comercee c'os Deoses, e a harmonia
Facilite o combate succeſſivo:
Dos Athletas refira com porfia
No fim do curſo o vencedor altivo
Cante, e não fique o triunfante ouzado
Com o pó da carreira disluſtrado.

X.

Leve Achilles feroz ſanguinolento
A's ribeiras do claro Simoonte,
O Eſquelda obrigue tumido, e violento,
Que de Luiz ao jugo dobre a fronte:
Tal como a Abelha em laborioſo intento,
Roube as flores da margem de huma fonte,
E pinte a Ode em varias melodias
As danças, os feſtins, e as alegrias.

XI.

Encarece o favor, que colhe o amante
Na bocca de coral de Iris formoſa,
Que reſiſtindo doce, e inconſtante,
Porque roube, recuſa caprichoſa.
Talvez a Ode altiva, e reſonante
Corre elevada, vôa impetuoſa,
E das exactas Leis rompendo a ordem,
O bello effeito d' arte he a deſordem.

XII.

Fugi de mim medroſos trovadores,
De eſpirito fleumatico impedidos,
Que obſervais nos Poeticos furores
De ordem cançada os termos mui medidos:
De Herois cantando os feitos ſupriores
Frios hiſtoriadores desluzidos
De hum aſſunto não ouzão apartar-ſe,
Nem de viſta hum momento hão de deixar-ſe.

XIII.

Mais do que Meſeray ſoube adquirir-ſe
De exacto hiſtoriador o nome raro,
Dolle ganhada a Lille ha de ſeguir-ſe,
E antes terá Courtrai roto o reparo:
Conta-ſe que com elles divertir-ſe
Quiz Phebo do ſeu fogo ſempre avaro,
E para os confundir o Deos diſcreto
Inventa as Leis terriveis de hum Soneto.

XIV.

Diſpôs que em dois quartetos bem medidos
Soáſſem oito vezes dois conſoantes,
Logo ſeus verſos deſtramente unidos
Componhão dois tercetos ellegantes:
Sem licença poetica oprimidos
Com eſte metro aflige os ignorantes,
De hum verſo máo deſterra a inſuficiencia,
Por ſi regula o numero a cadencia.

XV.

Adornou-o com graça a mais ſuprema,
E huma vôz não permitte repetida;
Val hum Soneto hum Epico Poema,
Se ſem erro a formou vêa luzida:
Para o achar feliz, Fenis o tema,
De Autores mil a turba enfurecida
Malleville, Gombaut, Mainard ao ler-ſe
Dois, ou tres entre mil pódem ſoffrer-ſe.

XVI.

O reſto, aonde a perfeição já falta,
Deichado do Leitor menos groſſeiro
Qual Pelletier com grão volume ſalta
De caſa do impreſſor á do eſpecieiro:
A idéa que o Autor formou mais alta,
Não exprime em tais termos prizioneiro,
E encontrão quantos rithmos claro ordena
A medida, ou mui grande, ou mui pequena.

XVII.

Mais livre occupará menos eſpaço
Ornando em duas rimas hum conceito,
O Epigramma já livre do embaraço
De ter com muito equivoco defeito:
Ao Parnaſo já preſo em tanto laço
Inundou dos equivocos o effeito,
Italia os dêo, e o vulgo ſem ſocego
Seguio eſta attração ancioſo, e cégo.

XVIII.

Levou ao Madrigal esta torrente ;
O Soneto orgulhoso foi ferido ,
A Elegia os buscou mui tristemente ,
Da Tragedia animarão o sentido :
Na scena ornarão o Herôe valente ,
O amante suspirou no seu sonido ,
E ouve Pastores renovando as chammas
Mais fieis aos Equivocos , que as Damas .

XIX.

Cada vôz com dois rostos mui diversos
Teve nos Pregadores santo azillo ;
Recebidos nas prozas , e nos versos
Do Advogado encresparão baixo estylo :
Abre o discurso os olhos , e os preversos ,
Que ultrajallo intentarão , e oprimillo ,
Do coturno infamados os despede ;
Só no Epigramma a entrada lhes concede .

XX.

Porém seja de sórte que a energia
Deiche o vocablo , exprima o pensamento ,
Assim brilhou a tempo a melodia ,
E cessou da desordem baixo intento :
Mas ainda conserva a vãa porfia
Nos pedantes da Corte e humilde assento ;
Insipidos Bufões , Tafuis cançados ,
No jogo do vocablo disgraçados .

XXI.

Não prohibe eſta Lei, que a Muſa fina
Paſſando de huma vôz zombe com arte,
E do ſentido eſtranho que examina,
Póde uſar ſem exceſſo neſta parte:
Porém não vá buſcando a graça indina,
Que hum equivoco frivolo reparte,
Porque encontre afectada a louca fama
De aguçar pela cauda hum Epigramma.

XXII.

Só conſervando a propria formoſura,
São claros os Poemas, e elegantes,
He a gloza ſingella, mas he pura,
Velha a Canção tem luſtre nos conſoantes:
O Amor a ſuavidade, e a ternura,
Com vozes naturaes, mas relevantes,
Illuſtre producção de acorde Lira,
O Madrigal harmoniaco reſpira.

XXIII.

O ardor de apparecer, não de que offenda,
Das ſatyras armou pura verdade,
Lucilio uſou primeiro eſta contenda,
Vicios de Roma em hum criſtal perſuade:
Da riqueza vaidoſa a fórte emmenda,
E da humilde virtude a adverſidade,
Honra o homem de bem, que a pé mendiga,
E o vil que anda em liteira, ſó caſtiga.

XXIV.

Meſclou Horacio a eſte ponto amargo
O eſtylo picante, e agradavel;
Não achou tólo, a quem não deſſe hum cargo,
Mas com ſatyra juſta, e toleravel:
Aquelle nome que por breve, ou largo
Não alterou o metro invariavel,
Entra nos verſos, mas que ſeja amigo,
Objecto da cenſura, e do caſtigo.

XXV.

Perſio eſcuro nos verſos, mas cerrado,
Menos afecta as vozes, que o ſentido;
Entre os gritos da Claſſe foi criado
Juvenal mais mordaz que commedido:
Com aſperas verdades venerado
Deixa o ſublime eſtylo mais luzido,
Com exceſſivo hyperbole apparece,
Chêo de ardor aos olhos reſplandece.

XXVI.

Sobre hum papel, que chega de Caprèa,
Rompe a adorada eſtatua de Sejano;
Aos Senadores com liſonja fêa
Faz correr ao conſelho de hum tiranno:
Da luxuria Latina a culpa afêa
Vendendo Meſſalina ao vil Romano,
Que do ſeu nobre ſangue o mais contrario
Cargas leva a ſeus hombros por ſalario.

XXVII.

Foi só Regnier discipulo engenhoso
No modello de Mestres tão scientes,
Só entre nós o estylo mais gracioso
Conserva entre os antigos accidentes:
Mostra ao casto Leitor não cauteloso,
Que frequentou lugares indecentes,
Cynicos metros torpes, e atrevidos
Offendem a modestia dos ouvidos.

XXVIII.

No Latim se permitte a vôz impura
Mas no vulgar não fica disculpada;
Só da expressão mais casta a imagem pura
A liberdade vil deixa ultrajada:
Na satyra do espirito a doçura
Candida se acredita, e ajustada,
E fujo do satyrico á baicheza,
Que prega, sendo impuro, da pureza,

XXIX.

Desta satyra fertil, e discreta
A popular canção Francez maligno
Forma em vos agradavel, e indiscreta,
Que augmenta a cada passo hum termo indigno.
De França a liberdade mais inquieta
Neste jogo pueril corre sem tino;
Mas não façais malevolo plauzivel
Assunto a Deos, de zombaria horrivel.

XXX.

Jogos emfim que o Atheiſmo cria,
Que ao alegre, que os canta triſtemente,
Ao público caſtigo a razão guia,
E padece na praça eſte inſolente:
Querem os tonos, arte, e melodia,
Não que o vinho, ou o vaſo os repreſente;
Inſpirando talvez groſſeiro plectro
Diſpenſa Autor ſem genio humilde metro.

XXXI.

Mas guardai-vos q̃ os verſos com vãgloria
Vos não dêm loucos fumos, ignorante,
Em compondo huma copla com victoria,
Se imagina Poeta ao meſmo inſtante:
Cada manhã ſeis metros na memoria,
Não dormirá ſem que hum ſonero cante,
E imprimindo as loucuras que deſata,
Laureado no Livro ſe retrata.

FIM

DO SEGUNDO CANTO.

CANTO TERCEIRO.

I.

NÃo ha monſtro odioſo, nem ſerpente,
Que não poſſa agradar bem imitado;
Com pincel delicado docemente
O objecto mais horrivel faz-ſe amado:
Tal a Tragedia em prantos excellente
Da vôz da dôr de Edipo enſanguentado
Moſtra as penas de Oreſtes parricida,
Deichando o pranto, a magoa divertida.

II.

Vós, a q̃ hum nobre ardor accende o peito
Ao premio do Theatro ſempre oppoſto,
E dos pompoſos verſos ſatisfeito
Quereis que a Corte vos conſagre o goſto:
Pondo na Scena as obras ſem defeito
Vendo-ſe os ſeus primores ſem diſgoſto,
E ouvintes numeroſos ſempre uſanos
Inda as peção no fim de vinte annos.

III.

Do discurso a paixão seja animada,
Ao coração, que busca, mova, inflamme,
Que hum nobre affecto, se hum furor agrada;
Faz que hum doce terror sem medo se ame:
Se não se excita huma piedade amada,
Por mais que a Scena sabia a todos ame,
Preguiçozo de applausos o concurso
Tibio foge do frio de hum discurso.

IV.

Em vão buscais esforços da eloquencia,
Que o ouvinte cançado justamente,
Ou da critica segue a inclemencia,
Ou logo se adormece indiferente:
Agradar, e ferir he occulta sciencia,
Engenho que me prenda, o engenho invente,
E dos primeiros versos preparada
Do assunto a acção desembarace a entrada.

V.

Rio-me de hum Autor que exprime attento
O que quer, e não sabe o que me diga,
E descubrindo mal lance violento
Faz de hum divertimento huma fadiga:
Decline elle o seu nome, eu me contento,
Dizendo, eu sou Oreste, que me obriga,
Ou sou Agamemnon, tem-me aturdido
Maravilhas confusas sem sentido.

VI.

Em explicar aſſunto nunca ſe erra ;
A' Scena ſe aſſinale hum lugar certo ,
No Theatro em hum dia annos encerra
O Poeta Heſpanhol muito inexperto :
A propriedade ſem temor deſterra ,
E em pintar ſeu Herôe andando incerto ;
Já nos actos confuſo o tem moſtrado ,
Huma jornada, infante , outra barbado .

VII.

Mas nós , porque a razão ſempre domine ,
Só queremos guiar a acção co' a arte ,
E que , enchendo o Theatro , ſe termine
Huma acção em hum dia , e huma parte :
Não queirais que o incrivel ſe examine ,
Prodigio abſurdo longe ſe-me aparte ,
Se o certo veroſimil não parece,
Ao que não crê, o animo aborrece .

VIII.

A arte judicioſa aos olhos tira
Objecto que aos ouvidos offerece ;
O que não ſe ha de vêr , que ſe refira ,
E o que ſe vê, melhor ſe reconhece :
O enredo a cada Scena mais ſe admira ;
Em quanto ſe não ſolta , ſempre crece ,
E em lances apertados a hum ſecreto
Deſcubra , e moſtre ineſperado objecto .

IX.

Foi da Tragedia informe o naſcimento,
Donde qualquer dançando ſem primores,
A huma fertil vendima ſempre attento
Com hum ſó côro a Bacco dêo louvores:
O vinho alegre imita ao ſonorento,
E foi hum bode o premio dos cantores,
Theſpis guiou primeiro muitas vezes
Eſta feliz loucura tinto em fezes.

X.

Des de hum lugar a outro conduzia
Em hum carro os Actores mal ornados,
E eſte novo eſpectaculo trazia
Aos ſimples paſſageiros enganados:
Eſchylo pôs de hum côro na harmonîa
Aos ſeus repreſentantes melhorados,
Os borzeguins, e as maſcaras retoca,
E em hum tablado público os colloca.

XI.

Sophocles remontando o genio illuſtre
Accreſce a pompa, augmenta a conſonancia,
Faz que o côro na acção não ſe disluſtre,
Pulîo dos verſos toſca diſſonancia:
Dêo-lhe entre os Gregos o divino luſtre,
Que ſublimou ao cume da elegancia,
A que nunca atégora tem ſubido
Dos Latinos o alento enfraquecido.

XII.

Para noſſos devotos aſcendentes ,
Era o Theatro em França goſto occulto ,
Tropa de Peregrinos não decentes
Teve em Pariz no público eſte indulto :
No ſeu zelo ignorantes , e imprudentes ,
A Deos , e aos Santos profanando o culto
Tirou-ſe a devoção deſta imprudencia
Diſſipada a Ignorancia pela ſciencia.

XIII.

Taes ſermões ſem miſsão ſe deſterrarão ,
E Hector, Ilion , e Andromaca ſe virão ,
Renaſcendo as Tragedias reſtaurarão ,
Da maſcara os Actores ſe deſpirão :
Os violões ao côro ſuavizarão ,
Do amor ternos afectos repetirão
Theatros , e Novellas , que he pintura
Para chegar ao peito mais ſegura.

XIV.

Pintar podeis Herões muito amoroſos,
Sem os formar Paſtores derretidos ,
Como Philena , e Thirſis extremoſos
Não amão os Achilles tão rendidos :
Não exprimem caracteres famoſos ,
Cyros em Artamenes convertidos ,
O remorſo ao amor faz que ſe mude ,
Parecendo fraqueza , e não virtude.

XV.

Dos Heroês das Novellas ás baixezas
Fugî dando aos Heroês alguma falta ;
Sem promptidão, fervores, e ferezas,
O modello de Achilles não ſe exalta :
Em huma afronta as lagrimas accezas
He pranto, em que ſeu animo ſe eſmalta,
Se a arte as leves faltas pinta, e tece,
O engenho a natureza reconhece.

XVI.

Sempre ſoberbo, intereſſado, e féro
Agamemnon em o Theatro ſeja,
Tenha Eneas aos Deoſes zelo auſtero,
Que de caráčter ſe conſerve, e veja :
Hum ſeja ſempre pio, outro ſevero,
Saiba os coſtumes, quem ſaber deſeja ;
Seculos, climas, e Paîzes varios
Fazem ſer os humores mais contrarios.

XVII.

Não deis, como Cletîa já tem dado,
Coſtumes, e ár Francez á Italia antiga,
E com nomes Romanos diſfarçado
Faz o noſſo retrato com fadiga :
Catão galante, e Bruto afeminado
Em frivola Novella ſó ſe diga,
A ficção de paſſagem ſe limite,
Demaziado rigor não ſe permitte.

XVIII.

Guarde a Scena exacção, decencia, e ordem,
E ſe inventais, talvez, nova figura,
Comſigo os ſeus afectos não diſcordem,
E até o fim ſem ter mudança dura:
Preſumido eſcritor dá com deſordem
Aos Heróes em ſi meſmo váa pintura;
Em hum Autor Gaſcão, Gaſcões ſe igualão
E Juba, e Calprenedo em hum tom fallão.

XIX.

Mais varia, e ſabia em nós a natureza
Dèo a cada paixão vôz diferente;
A cólera ſe explica com fereza,
O abatimento falla humildemente:
A Troia em chammas d' Hecuba a triſteza
Não venha afectar prantos imprudente,
Nem deſcrever em que Paîz ferino
Sete boccas do Tanais tem o Euxino.

XX.

São de hum declamador que as vôzes ama,
De froixas expreſsões a unida pompa;
Abatei-vos na dôr que vos inflamma,
Rompei em pranto, porq̃ em pranto eu rompa:
Os grandes termos que hum Actor exclama,
Por mais que a bocca chêa elle os prerompa,
Não naſcem não, de hum coração ferido,
Da miſeria tocado, e combatido.

XXI.

He o Theatro fertil em Cenſores,
E para produzir he campo eſtreito,
Com trabalho conquiſtão os Autores:
Silva-ſe logo ao minimo defeito:
Tratão-no de ignorante os infriores,
Que lhe comprão na entrada eſte direito,
E ſe quiz agradar eem formas teve,
Precizo he que ſe abata, e que ſe eleve.

XXII.

Se em nobre ſentimento não ſe humilha,
Se deſperta nos tiros admiravel,
Corre de maravilha em maravilha,
Claro, profundo, ſolido agradavel:
O que diz, na memoria logo brilha,
Deixando huma lembrança perduravel;
Deſta ſórte a Tragedia ſe publîca
Aſſim obra, aſſim corre, aſſim ſe explîca.

XXIII.

Mais elevada a Epica Poeſia
Na vaſta narração de acção difuza,
Vive em ficções, de Fabulas ſe fia
Arte feliz que nos encantos uſa;
Alma, eſpirito, corpo, e roſto cria
Deidades das verdades faz a Muſa,
He Venus a Beiliza ſempre grata,
Em Minerva a prudencia ſe retrata.

XXIV.

Aos trovões não produzem os vapores,
He Jupiter armado contra o Mundo,
Aos marinheiros naufragos terrores,
He Neptuno nas ondas furibundo;
No ár não sôa o Ecco, são clamores
De huma Ninfa, que chora em mal profundo
Quixoſa de Narciſo, a que interpreta
Com mil ficções, e inventos o Poeta.

XXV.

Tudo orna, illuſtra, eleva, e engrandece,
E ſempre as flores acha preparadas,
Que as Náos de Eneas, quando o vento crece,
Sejão nas praias d' Africa lançadas;
He hum ſucceſſo em que a Fortuna tece
As ſuas inconſtancias coſtumadas,
Ordinario, e commum entre ſeus giros,
E huns golpes, pouco eſtranhos aos ſeus tiros.

XXVI.

Porém que Juno em ſeu rigor conſtante
Perſiga os reſtos de Illio deſtroçados,
Que Eolo em ſeu favor abra, e quebrante
Prizões de Eolia aos ventos rebellados;
E lançando de Italia ao povo errante,
Só Neptuno nos mares alterados
Colerico ſe eleva ſobre os mares,
Impondo calma ás ondas, paz aos mares.

XXVII.

Os baixeis fluctuantes aſſegura,
E os arranca das ſyrtes perigoſas;
Aſſim a Muſa admira, atrahe, apura
Occupa, e fere em vozes numeroſas:
Sem eſte ornato humilha, e desfigura,
Extingue, e perde forças vigoroſas,
O Poeta orador que ſe intimida
Frio eſcritor de fabula abatida.

XXVIII.

Que enganados eſtão noſſos Poetas
Tirando eſtes adornos recebidos!
Fazem a Deos, aos Santos, e aos Profetas,
Como os Deoſes da fabula naſcidos:
Autor, tu, que ignorante os interpretas
Com Belzebû com Lucifer unidos,
E Aſtarot o ſeu genio em triſte laço
Lança o Leitor no inferno a cada paſſo.

XXIX.

Da Fé Chriſtã os fundamentos ſerios,
Não recebem as flores da eloquencia,
O Evangelho ſó moſtra em ſeus Miſterios
A pena merecida, a penitencia;
Dás nas ficçõcs com torpes vituperios
A's verdades de fabula a apparencia,
Nem pio has de ficar, nem agradavel
Com eſta miſcellanea tão culpavel.

XXX.

Que objecto ! como ver hir (grande exceſſo!)
Sempre o Demonio contra os Ceos bramindo,
Do Herôe oppoſto ao celebre proceſſo
As victorias com Deos eſtar medindo ;
Dirão que o fez bem Taſſo ; o ſeu progreſſo
Eu não eſtou agora diſcutindo ,
Publica-lhe eſte ſeculo alta gloria ,
Porque a Italia illuſtra ſua memoria.

XXXI.

Mas iſto não ſeria, ſe empenhado ,
E poſto em oração o Herôe prudente ,
Em deixar Sataraz arrezoado
Conſumiſſe o ſeu tempo triſtemente :
E o ſeu aſſunto não tivera agrado ,
Se o não fizera alegre , e excellente
Tancredo de Clorinda fino amante ,
E o valente Reinaldo , e o fero Argante.

XXXII.

Não louvo em pio aſſunto as vãas figuras
De hum Autor louco idolatra gentio ;
Em profana alegria das pinturas
A's fabulas fugir he deſvario :
Não tirem os Tritões das aguas puras,
A flauta a Pan , á Parca o ferro impio,
Nem de Acheronte empeça a fatal barca ,
Onde paſſa ó Paſtor com o Monarca.

XXXIII.

Deſte eſcrupulo vão, louca imprudencia,
Nunca o agrado ſem agrado alcança;
Não quererão pintar logo a Prudencia,
Nem dar a Temis venda, nem balança.
Da teſta de metal forte apparencia
Hão de tirar á Guerra, e na mudança,
Que o Tempo faz, quando aos mortais aviſa,
O Relogio na mão, que o ſimboliza.

XXXIV.

Se o falſo zelo como idolatria
A Allegoria deſterrar intenta,
Louvem embora a ignorancia pia,
Porque o ſeu vão terror mais nos alenta:
Dos ridiculos ſonhos a porfia
Ao verdadeiro Deos, Deos falſo inventa,
Em fabulas nos dão nomes diverſos
Felizes, e naſcidos para os verſos.

XXXV.

Agamemnon, Uliſſes, Heitor forte
Helena, Menelão, Paris, Eneas,
Idumenêo, e Oreſtes deſta ſorte
Enchem de mil agrados as idéas;
E ſem que o nome humilde te reporte
O' Poeta ignorante, tu te afeas;
Todo hum Poema barbaro deixando,
Quando por Herôe buſcas Childebrando.

XXXVI.

Se quereis divertir ſempre ditoſo,
Eſcolhei hum Herôe, que me intereſſe,
Raro em virtudes, em valor famoſo,
Que até nos ſeus deffeitos ſe engrandece:
Nas inſignes acções digno, e glorioſo,
Qual Ceſar, Alexandre, ou Luiz parece;
Não como o Irmão traidor á Polynice,
Porque hum Herôe vulgar nunca he felice.

XXXVII.

Hum aſſunto muichêo de incidentes
Nunca eſcolhais, que ſe o tratais com arte,
Achilles com impulſos mais ardentes
Materia a toda a Illiada reparte:
Da abundancia empobrecem as torrentes,
Rica, e pompoſa a deſcripção ſe aparte,
A que o metro a elegancia oſtenta activa,
E ſeja a narração cerrada, e viva.

XXXVIII.

Não pondereis humilde circunſtancia,
Como eſſe louco em termos tão vulgares
Pinton o Hebrêo já livre da arrogancia
Dos Tyranos, vagando ſobre os mares:
Das mal abertas ondas na inconſtancia
Pôs á janella os peiches a milhares,
Por ver paſſar o infante, que os admira,
Que a hum tempo corre, ſalta, e ſe retira.

XXXIX.

Alegre logo á Mãi dêo hum ſeixinho,
E a viſta prende neſtes vãos objectos ;
Tenha a obra medido o ſeu caminho,
Não ſejão afectados os afectos :
Hides ſobre o Pegazo aos Ceos viſinho
Gritar contra o Leitor (fortes projectos!)
Com a vôz de trovão canto os louvores
De quem vencêo do Mundo os vencedores ?

XL.

Mas depois que os clamores deſentranha,
Que produz eſte Autor tanto apparato ?
He o famoſo parto da montanha,
Que depois de temer-ſe, ſahe hum rato :
Sem fazer-nos promeſſa tão eſtranha,
Amo daquelle Autor o nobre ornato,
Que de hum tom facil, doce, e ſonoroſo
Aſſim ſe exalta claro, harmonioſo.

XLI.

As armas, diz, e o Varão pio eu canto,
Que ſendo para Auzonia conduzido
Das praias Phrygias, a que banha o Xanto,
O primeiro a Lavinia, foi trazido :
Para dar muito, não promette tanto
O ardor da ſua Muſa remittido,
Logo aos Latinos prodigo, e divino
Oraculos decreta o ſeu deſtino.

XLII.

Da Eſtigia as aguas fetidas, e impuras
De Acheronte as torrentes diſſonantes,
E em clara variedade das pinturas
Nos Eliſios os Ceſares errantes;
Alegrem ao Poema eſtas figuras
Para os olhos imagens relevantes,
A pompa com o agrado não ſe opprime,
E não he ſer pezado o ſer ſublime.

XLIII.

Mais as comicas fabulas de Arioſto
Amo, que as Muſas funebres, e frias,
Que crem que ao triſte humor derão diſgoſto
Se as Graças lhe inſpiraſſem alegrias:
Que o Cingulo de Venus tinha poſto,
Julga quem vê d' Homero as melodias,
E que da natureza encaminhado,
Só para deleitar o tem roubado.

XLIV.

O ſeu Livro he de agrados hum theſouro,
E a quanto trata nova graça anima,
Tudo o que toca, ſe converte em ouro,
Sempre diverte ſem que nunca oprima:
Em largos epizodios com deſdouro
Nunca ſe perde; ardor feliz ſublima,
Os ſeus diſcurſos, donde em ſons diverſos
Foge a ordem methodica dos verſos.

XLV.

A ſi meſmo ſe explica, a ſi ſe ordena,
O ſeu aſſunto, e facil ſe prepara;
Sem prevenções inuteis corre a pena,
Hum verſo, hum termo para o fim ſe aclara:
Quem com amor ſincero o não condemna,
Acha no agrado utilidade rara;
Hum Poema excellente, e bem ſeguido
Nunca foi do capricho produzido.

XLVI.

Quer attenção, quer tempo, e quer cuidado
Eſta idéa dificil, e penoſa,
Não he de hum aprendiz eſte traslado,
E a hum Poeta ſem arte infructuoſa:
Algum houve entre nós que confiado
Na chamma, que talvez ſubio furioſa,
Porque a chimera em vão orgulho alente,
Toma a trombeta heroica ouzadamente.

XKVII.

Mal regulada a Muſa, vago o metro,
Em deſcompoſtos ſaltos ſó ſe eleva,
Sem lição, nem juizo rudo o pletro
Falta ao fogo a materia em que ſe ceva:
Nega-lhe o Mundo da Poeſia o Sceptro,
Quer que o merito falſo não ſe atreva,
Mas contra o duro genio não baſtarão,
Que ronba o culto, que outros lhe negarão:

XLVIII.

De Virgilio os inventos atropella,
Na ficção nobre não entende Homero;
Se contra eſte decreto ſe rebella
Ao ſeculo condemna iniquo, e fero:
Para a poſteridade logo appella,
E eſtão porque o juizo mais ſincero
A' luz dê, os ſeus livros eſtimados
N'um armazem ſem luz amontoados;

XLIX.

A traça, o pó combatem triſtemente;
Mas em repouſo no ſeu toſco abrigo,
Eu os deicho eſgrimir mui livremente,
Ao meu aſſunto ſem perder-me ſigo:
Do tragico eſpectaculo excellente
Naſcêo de Athenas no Theatro antigo
O primeiro modello da comedia
Entre o feliz ſucceſſo da Tragedia.

L.

O Grego zombador por natureza
Foi com plauziveis jogos deſtillando
Dos malevolos golpes a fereza,
Com inſolente acceſſo envenenando:
Sciencia, entendimento, honra deſpreza,
E na indigna alegria intereſſando
A moſa de infeliz merecimento
De hum Poeta ſe vio publico augmento.

LI.

Em hum côro das nuvens maltratado
Os clamores tirou do vil concurſo ;
Mas vem Socrates , ſabio Magiſtrado
Parar emfim da liberdade o curſo :
Dos edictos das Leis auxiliado
Fez ſabio dos Poetas o diſcurſo ,
Os roſtos prohibio ſe aſſignalaſſem ,
E os nomes ordenou , que ſe calaſſem .

LII.

O Theatro perdèo a antiga furia ,
Sem veneno , e ſem fel inſtrûe , emenda ,
Deicha alegre a Comedia a amarga injuria ,
Sem que Menandro no ſeu metro offenda :
Ri o avaro o primeiro da penuria ,
Sem que á ſua cópia em hum avaro attenda ,
Finalmente pintado hum inſenſato
Deſconhece elle meſmo o ſeu retrato .

LIII.

A quem pintou com arte o novo eſpelho ,
Vio-ſe a ſi meſmo , e crêo que ſe não via ,
Autores , que eſtudeis vos aconſelho
Da natureza a comica Poeſia :
Quem com profundo eſpirito , e conſelho
Fizer dos corações anatomia ,
E conhecer o homem até onde
Seus occultos miſterios nos eſconde ;

LIV.

Quem conhecer o prodigo , o avaro,
O tólo, o bom , o vario , o vicioſo,
Lhe dê vida , alma , e vôz , e ſem reparo
Na ſcena o póde pôr com fim ditoſo :
Seja o retrato natural , e claro,
Com as côres mais vivas , mais luſtroſo ,
A natureza eſtranhas cópias fórma ,
E com varios ſignaes d' alma as infórma.

LV.

Hum nada a moſtra , vê-ſe nos ſemblantes,
Mas nem todos os olhos o conhecem ,
E do tempo as mudanças inconſtantes
Meſmo em noſſos humores apparecem :
Nas paixões, nos coſtumes fluctuantes
De cada idade os goſtos prevalecem ,
Hum moço ardente em livres exercicios
Pronto recebe as impreſsões dos vicios.

LVI.

Vão nos diſcurſos , nos deſejos leve ,
Louco nos goſtos , rigido á cenſura,
Hum ár mais ſabio inſpira , a quem ſó deve
A idade varonil o ſer madura :
A adiantar ſe na Corte ella ſe atreve ,
Junto aos Grandes politica ſe apura ,
Sabe a Fortuna reſiſtir prudente ,
Vê ao longe o futuro no preſente.

LVII.

Triſte a velhice ajunta com cuidado
Tantos theſouros, que par' outro guarda ;
Chora o preſente, e louva o já paſſado,
Anda nos ſeus deſignos fria, e tarda :
Condemna inhabil delicioſo agrado
Aos mõços, porque a idade ſe acovarda ;
Que os Actores vejais, vos aconſelho,
Não fale o velho em moço, e o moço em velho.

LVIII.

Vêde a Cidade, e eſtudai na Corte,
Porque huma, e outra he fertil em modellos,
Eſtudou ſeus eſcritos deſta fórte
Molliere em ſeus cómicos diſvellos :
Mais que em doutas pinturas ſabio exhorte,
O premio não terá ſem paralellos,
Porque amigo do Povo nas pinturas
Dêo rediculas fórmas ás figuras.

LIX.

Deixou por ſer bufão o agrado fino,
Tabarino a Terencio unio ſem pejo,
No rediculo ſacco de Scapino
O Autor do Miſantropo já não vejo :
Ais, e prantos no cómico abomino,
Nelle as tragicas penas não deſejo,
Porém em dar na praça não ſe funda
Riſo ao Povo com baixa fraze immunda.

LX.

Os Actores divirtão nobremente,
O enredo ſe deſate ſem porfia,
Guie a razão a acção porque ſe alente,
E a não faça perder ſcena vazîa:
O eſtylo humilde, e doce no eminente
Eleve dos conceitos a harmonia,
E com finas paixões bem exprimidas,
As ſcenas entre ſi ſejão unidas.

LXI.

Não gracejeis á cuſta da prudencia,
Da natureza não deixeis o objecto,
De hum filho amante eſtranha a imprudencia
Hum Pai, a que Terencio faz mui recto:
O amante ouve as lições com impaciencia
Buſca a Dama, e lhe lembra ſó o afecto,
Não he retrato imagem ſimilhante,
He verdadeiro Pai, Filho, e Amante.

LXII.

No Theatro hum Autor ſempre agradavel
Sem que ſe infamar aos olhos do auditorio,
Sem ſe oppôr á razão, faz-ſe eſtimavel,
Foge ao groſſeiro equivoco notorio:
Mas ſe diverte immundo, intoleravel,
Em hum trabalho vil ſeja acceſſorio,
Dos lacaios em maſcaras unidos
Com frias ignorancias divertidos.

FIM DO CANTO TERCEIRO.

CAN-

CANTO QUARTO.

I.

Vivéo (ſe conta) hum Medico em Florença
Grão fallador, e celebre aſſaſſino,
Nelle a miſeria pública he immenſa,
Pede-lhe o morto Pai o Orfão menino:
Chora hum Irmão a outro, e que a doença
Lamenta mais o toſſigo malino,
A quem catarrho tem, pleuriz inſpira,
Sem ſangue hum morre, outro com ſene eſpira.

II.

Toda a enxaqueca frenezim fazia,
A Corte deixa emfim abominado,
Dos ſeus amigos mortos hum vivia
Abbade rico ás obras inclinado:
Levou-o á grande caſa, em que aſſiſtia,
De Architectura ſempre infactuado,
E o Medico fallando no edificio
Parece Profeſſor deſte exercicio.

III.

De hum falão que levanta emenda a forma,
Signala outro lugar á eſcura entrada,
A eſcada aprova, os lanços lhe reſôrma,
E acha o amigo a obra bem traçada:
Chama o Meſtre, que chega, e que ſe infôrma,
Aprova a nova planta delineada;
Della aprende a igualar os ſeus extremos,
Mas tão plauzivel caſo abbreviemos.

IV.

Logo renunciou a arte inhumana
Eſte aſſaſſino, e já com outro objecto,
De Galeno a Sciencia não o engana,
Fica o Medico máo, bom Architecto:
Des de então que feliz ſe deſengana,
Da eſquadria une á regra o termo recto,
Neſte exemplo nos dá muito evidente
Hum preceito mui util, e excellente.

V.

Se o voſſo genio fôr, ſêde pedreiro,
Bom official de huma arte proveitoſa;
Ha varios gráos nas artes, e o primeiro
Se perde ſem infamia injurioſa.
Mas na terrivel arte, eu vos requeiro,
O' vulgar eſcriptor de verſo, on proſa,
Que a deixeis; pois não ha na conſonancia
Do mediocre ao infimo diſtancia.

VI.

A Poeſia não ſofre Autor mediano ,
Fazem medo ſeus verſos aos Leitores ,
Das logeas dos livreiros he tirano ,
Do papel os ſeus verſos são terrores :
Talvez faz rir hum louco ſempre ufano ,
Mas ſempre enfadão frigidos Autores ;
Bergerac zomba , e tem muita ouzadia,
Não Motin que ſe géla , e nos resfria .

VII.

Não vos ceguem louvores liſongeiros ,
Que vãos admiradores vos tributão ,
Que vos applaudem promptos os primeiros ,
No congreſſo em que attentos vos eſcutão :
Metros , que ouvidos não ſerão groſſeiros ,
Os olhos penetrantes os refutão ;
Viſtos a melhor luz depois de impreſſos
Sei de muitos os tragicos ſucceſſos .

VIII.

Gombaut que foi nos verſos tão louvado
Em caſa do livreiro ſe conſerva ,
Conſultai , e ouvi todos com cuidado ,
Talvez hum ignorante hum erro obſerva :
Mas ſe Apollo algum dia tem moſtrado,
Que altas inſpirações vos não reſerva ,
Não corrais com intentos tão perverſos
A recitar a todos voſſos verſos .

IX.

Não imiteis a furia d' hum Poeta,
Que harmonioſo Leitor de vãos eſcritos,
A quantos paſsão, logo lhe interpreta,
A turba de ſeus verſos infinitos:
A Muſa aos que lhe fallão indiſcreta
As obras lê, e quando alguns aflitos
Buſcão hum Templo de Anjos reſpeitado,
Não lhe ſerve de azilo eſte ſagrado.

X.

Já vo-lo repetî; ſêde á cenſura,
E á razão docil; emmendai ſem pena,
Mas não cedais a hum tôlo, que procura
Confundir-vos, e tudo vos condemna:
De hum futil ignorante a altivez dura
Hum Poema combate, e deſordena
Com injuſtos diſgoſtos, com que oprime
Dos verſos a ouſadîa mais ſublime.

XI.

Refutai dos diſcurſos a vaidade,
Que elle ſe agrada do ſeu vão juizo,
E da fraca razão ſem claridade
Lince ſe julga, e céga de improviſo:
Temei de ſeu conſelho a falſidade,
Que ſe o ſeguiz, he certo o prejuizo,
Que talvez por fugir de algum rochedo,
Se converte em naufragio o que era medo.

XII.

Buſcai util cenſor, e bem fundado,
Que a razão guîe, e que a ſciencia aclare,
E com lapis ſeguro, e apurado
O lugar que occultais, ache, e repare:
Do eſcrupuloſo engenho acovardado
As ridiculas duvidas declare,
E o divino furor que ſe dilata,
E o vigoroſo eſpirito arrebata.

XIII.

Moſtrará, ſe o engenho da carreira
Se aparta, e rompe as leis mais rigoroſas,
E donde a arte da prizão groſſeira,
Paſſa os confins com forças vigoroſas:
Mas hum cenſor com luz tão verdadeira
He raro, e com Poeſias mui famoſas
Algum ſe diſtinguio, e com engano
Não diſtiguio Virgilio de Lucano.

XIV.

Se às minhas inſtrucções ouvîs attentos,
Vereis as ficções ricas eſtimadas,
Fertil a Muſa em ſabios documentos,
Faz as verdades ſólidas amadas:
Plauziveis, e uteis os divertimentos
São dos ſabios Leitores deſprezadas,
As váas futilidades que enganando
Não ſabem divertir aproveitando.

XV.

Quem nos coſtumes, e nas obras pinta
Alma, que em nôbre imagem ſempre inflama;
Foge do Autor, que com danoſa tinta,
He á honra traidor em metro infame:
Quando a virtude no papel deſpinta,
Faz cruel que o Leitor os vicios ame;
Não ſou porém dos triſtes genios duros,
Que amor querem tirar dos verſos puros.

XVI.

Do ſeu mais rico adorno brinca a ſcena,
Quem tão auſtero eſta paixão limita,
Faz veneno a Rodrigo, e a Ximena,
E a mais fina paixão deſacredita:
Se impuro amor deſcreve pura a pena,
Nunca laſcivo afecto em nós excita,
O agrado Dido oſtenta, e chora tanto,
Que eu culpo a falta, e me magôa o pranto.

XVII.

Nunca hum Autor com innocentes verſos,
Se os ſentidos deleita, o peito offende,
Nem o fogo em ardores tão perverſos,
No coração com chamma indigna prende:
Tende á virtude afectos não diverſos,
Porque quando a voſſa alma a não comprende
Emvão ſobem do eſpirito as grandezas,
Que o coração ao metro dêo baixezas.

XVIII.

Fugî , fugî de emulações indignas ,
Que nada offende ao eſcriptor ſublime ,
De genios vís loucuras tão ferinas,
Vicio he vulgar que a mediania opprime :
Competidora triſte ás luzes dignas
Com que o merecimento ſe redime ,
E para levantar-ſe , e humilhá-lo
Quer em caſa dos grandes malquiſtá-lo .

XIX.

Nunca queirais buſcar com baixos meios
A honra por caminhos vergonhoſos ,
E não ſejão dos verſos os enleios
Eterno emprego aos animos famoſos :
Cultivai os amigos ſem receios ;
Tende fé, porque aos homens generoſos
He pouco ſem nos livros ter agrados
Se não ſabem viver , nem ſer tratados .

XX.

Mais que o vil intereſſe ſeja a gloria
Objecto digno de hum trabalho illuſtre ,
Póde fazer ſem mancha da memoria ,
Que o tributo legitimo o não fruſtre :
Mas não ſofro os Autores, que em notoria
Fome avára não vem da gloria o luſtre ;
Ao ganho de hum livreiro Apollo trazem ;
E mercantil á divina arte fazem .

XXI.

Antes do que a razão rompeſſe em vozes,
Que inſtruindo aos humanos Leis moſtrarão,
Eſpalhados groſſeiros, e velozes
Os homens pelos boſques já paſtarão;
As mortes, e os delictos mais atrozes
Sem o temor das Leis ſe executarão,
Seguindo a natural ferocidade,
Era a força direito em equidade.

XXII.

Mas do diſcurſo a provida harmonía
Pôde domeſticar coſtumes duros,
Tirou do campo os homens com porfia,
E nas Cidades os cerrou com muros:
Do ſupplicio a Inſolencia já tremia;
Dão a fraca innocencia as Leis ſeguros;
Deſta ordem effeitos tão diverſos
Os frutos forão dos primeiros verſos.

XXIII.

Daqui naſcêo a fama recebida, (cia
Que a vôz de Orpheo enchêo montes de Thra-
Ficava a fome aos tigres abatida,
Deſpojando-ſe aſſim da féra audacia:
Que qualquer pedra de Amphion ferida
Seguia aos ſeus accentos a eficacia,
Muros formando a Thebas, porque obraſſe
Milagres a harmonía apenas naſce.

XXIV.

Depois o Ceo em verſos ſe explicava
Nos Oraculos, donde commovido
D' horror divino o Sacerdote dava
Furor de Apollo em verſos exprimido:
Logo antigos Heroês reſſuſcitava
Homêro em acções grandes influido,
O animo incita Heziodo, procura
Dos preguiçoſos campos a cultura.

XXV.

Em mil eſcritos grandes, e famoſos
A ſciencia ſe vio delineada,
E foi ſó pelos metros ſonoroſos
Aos ruſticos mortais communicada:
Do animo ſeus preceitos victorioſos,
Tem pelo ouvido aos corações entrada;
Venerada por tantos beneficios
Fez Grecia ás Muſas juſtos ſacrificios.

XXVI.

Teve a Poeſia dos mortaes o culto,
Que á ſua gloria erigem muitas aras,
Mas a penuria emfim trouxe o inſulto
Com que o Parnaſo eſquece as glorias claras;
Vil intereſſe infecta em damno occulto
Com mentiras groſſeiras obras raras,
E de frivolos verſos no concurſo,
Vende os termos, contrata co' o diſcurſo.

XXVII.

Não vos desluſtre hum vicio, que vos céga,
Se com violencia vos atrahe o ouro,
Fugî dos campos que o Permeſſo rega,
Não lhe achareis nas margens hum theſouro:
Aos mais ſabios Autores Phebo entrega,
E aos maiores guerreiros nome, e louro,
Mas da faminta Muſa eu bem prefumo,
Que ſubſiſtir não póde ſó com fumo.

XXVIII.

Hum Autor, que apertado pela fome
Lhe gritão as entranhas palpitantes,
Pela noite em jejum ſem goſto come
De Heliconia os paſſêos elegantes:
A ſede alegre Horacio já conſome,
Quando ſe lhe deſcobrem as Bacchantes,
Não como Colletet teme indiſcreto
Para juntar o effeito de hum Soneto.

XXIX.

Entre nós ſe não teme eſta diſgraça,
Que hoje ao Parnaſo raramente afflige,
E que perigo ás Artes ameaça
Tendo hum Aſtro benigno que as erige:
Cede ao merecimento a ſórte eſcaça,
E hum Principe, que provido as dirige
(Muſas) dêo aos alumnos tanta gloria;
Vence a voſſa doutrina eſta memoria.

XXX.

Corneille o louve, inflamme o plectro ouzado,
Do Cid, e Horacio inda o Corneille seja
Racine, que milagres tem formado,
Dos seus Heroês retrato nelle veja:
Pelas vôzes das Damas bem cantado
O seu nome diverte, e se deseja
Por Benserad encommendado á Lira;
Em Eclogas Segrais o campo admira.

XXXI.

Nelle apura agudezas o Epigramma,
Mas como em outra Eneida Autor ditoso
Guiará este Alcides que o inflamma,
Té ás margens do Rheno temoroso:
Que sabio plectro ao ecco desta fama
Rochedos, bosques moverá glorioso,
E Hollanda contará que ao soçobrar-se
Para não naufragar, quiz affogar-se.

XXXII.

Os batalhões, dirá, que submergidos
Em Mastrik aos assaltos horrorosos
Com os raios do Sol, forão luzidos,
Mas nova gloria ha já, vates famosos:
Nos Alpes com progressos nunca ouvidos
Salins, e Dolle cedem receosos,
Bezançon inda em fumo supultada
Se devisa na rocha fulminada.

XXXIII.

Para ſe oppôr a rapida torrente
Do pronto vencedor, as inimigas
Forças aonde eſtão tudo ſe auſente,
Com os grandes guerreiros fataes ligas:
Querem deter fugindo o peito ardente,
E he vergonhoſo premio das fadigas,
A fera preſumpção, com que cuidarão,
Que o perigo, a que fogem, evitarão.

XXXIV.

O' quantos baluartes ſe abaterão,
Quantas fortes Cidades ſe ganharão,
Quantos frutos de gloria ſe colherão,
E todos prontamente ſe alcançarão:
Já vejo que aos ardores ſe accenderão
Autores, que eſte Herôe dignos cantarão,
E com razão, que para os ſeus louvores
Não ſervem moderados os furores.

XXXV.

Eu que tendo o ſatyrico exercicio,
Tocar não ouzo a lyra, e a trombeta,
Verme-heis no campo illuſtre em claro officio,
Que a vôz, e a viſta anima, e interpreta.
Dar-vos-hei as lições, que ao beneficio
Da Muſa juvenil d' Horacio Athleta
No Parnaſo alcancei, e a vôz ardente,
O eſpirito eſtimule, a chamma augmente.

XXXVI.

De longe eu moſtro o premio, e a corôa,
Mas quando chêo eſtou de juſto zelo,
Vejo a voſſa razão que me perdôa
Se os voſſos paſſos cuidadoſo velo:
Se em máos Autores hum deffeito ſôa,
Em apurar o ouro me diſvelo,
Talvez util Cenſor, talvez cançado,
Mais do que ſabio Autor, critico ouzado.

FIM

DO QUARTO CANTO.

[illegible]

[illegible]

[illegible]

RESPOSTA DE BOILEAU
AO EXCELLENTISSIMO
CONDE DA ERICEIRA,
NA OCCASIAÕ DE LHE ENVIAR ESTA SUA TRADUCÇAÕ.

MEU SENHOR.

AInda que as minhas obras tenhão feito algum eſtrondo no Mundo, nem por iſſo concebo huma opinião muito avantajada do meu merecimento; e ſe os louvores que me dão, me têm aſſás liſongeado, não puderão comtudo cegarme. Mas confeſſo que a traducção que Voſſa Excellencia ſe dignou fazer da minha Arte Poetica, e os Elogios de que ma envia acompanhada, me encherão de hum verdadeiro orgulho. Não pude logo terme em conta de hum homem ordinario, vendo-me tão extraordinariamente honrado, e julguei, que ter hum traductor da capacidade, e elevação Voſſa Excellencia era para mim hum

hum titulo de merecimento, que me diſtinguia de todos os Eſcriptores do noſſo ſeculo. Tenho hum conhecimento imperfeitiſſimo da Lingua Portugueza, e della não fiz eſtudo algum particular. Iſſo não obſtante, entendi a traducção, de Voſſa Excellencia quanto baſtou para nella me admirar a mim meſmo, e para me achar muito mais habil eſcriptor em Portuguez do que em Francez. E com effeito vós enriqueceis todos os meus penſamentos exprimindo-os. Tudo o que manejais, ſe muda em oiro, e os meſmos ſeixos, para aſſim dizer, nas voſſas mãos ſe tornão em pedras precioſas. Julgai Senhor, por iſſo, ſe deveis exigir de mim, que vos note os lugares em que poderieis tervos apartado do meu ſentido. Quando em lugar dos meus penſamentos, vos ſem o cuidar, me ſubſtituiſſeis algum dos voſſos, bem longe de os fazer tirar, eu me aproveitaria do voſſo deſcuido, e os adoptaria logo para me fazer honra: mas em parte nenhuma me dais eſta occaſião. Tudo he igualmente juſto exacto, e fiel na voſſa traducção; e bem que nella me aformozeaſſeis, não deixo de ahi meſmo me reconhecer em toda a parte. Não digais pois, ſenhor, que receais não me haver entendido: dizei-me antes o que fizeſteis para entenderme tão bem, e para perceber na minha obra, até as delicadezas que eu julgava, que não podia ſentir ſenão aquelle que naſceſſe em França, e foſſe educado na Corte de Luiz o Grande. Por tanto eu vejo,

que

que não sois estrangeiro em Paiz algum, e que pela extenção dos vossos conhecimentos sois de todas as Cortes, e de todas as Nações. A Carta, e os Versos Francezes que me fizestes a honra de escrever-me, são huma boa prova disto: nelles se não vê coiza alguma estrangeira, senão o vosso nome, e não ha homem de bom gosto em França, que não quizesse ter sido o seu Autor. Eu os mostrei a muitos dos nossos melhores Escriptores: não ficou hum só, que não ficasse extremamente admirado, e que me não desse a entender, que se recebesse de vós similhantes louvores, vos teria já rescripto volumes de versos. Que pensareis pois, vendo que me contento com responder-lhes por huma simples carta de comprimento! Não me accusareis de ser ingrato, ou grosseiro? Não, senhor, eu não sou nem huma, nem outra coiza, mas eu não faço versos, nem mesmo proza, quando quero. Apollo he para mim hum Deos extravagante, que me não dá como a vós, audiencia a todas as horas. He-me necessario esperar momentos favoraveis. Cuidarei de os aproveitar logo que os achar, e me julgarei infeliz, se morrer sem vos pagar parte dos vossos Elogios. O que posso desde já dizer vos he, que na primeira Edição das minhas obras não deixarei de ingerir-lhe a vossa traducção, e que não perderei occasião alguma de fazer saber a toda a terra, que das extremidades do nosso continente, e de

tão

tão longe, como as columnas de Hercules, me vierão os louvores de que eu mais me lisongêo, e a obra que mais me honra. Eu sou com o maior respeito

De V. Excellencia

Muito humilde, e muito obediente Servo.

DESPREAUX.

INDICE

DAS MATERIAS

QUE CONTEM ESTE CADERNO.

VINTEQUATRO Sonetos a varios aſſuntos,

Huma Cançoneta à Immaculada Conceição da Virgem Maria Noſſa Senhora.

Hum Dithyrambo.

Quartetos no Dia dos annos do Illuſtr. e Excellentiſs. Sr. D. Antonio de Caſtello-Branco

Duas Cartas de Lereno a Arminda, que dão as Leis para os verſos pequenos, e os grandes.

Huma Traducção da Arte Poetica de Boileau Deſpreaux, pelo Excelentiſſimo Conde da Ericeira.

Huma Carta de agradecimento do Autor a ſeu Excellentiſſimo Traductor.

Foi taixado este Livro em papel a trezentos e vinte reis; Meza 27 de Maio de 1793.

Com tres Rúbricas.